



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE DESPORTOS
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA
CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA

Yuri de Luca Aparicio Carrapeta

Proposta pedagógica para o surfe na Educação Física Escolar

Florianópolis

2023

YURI DE LUCA APARICIO CARRAPETA

Proposta pedagógica para o surfe na Educação Física Escolar

Trabalho de Conclusão de Curso submetido ao curso de Educação Física do Centro de Desportos da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciado em Educação Física

Orientadora: Profa. Lara Elena Gomes Marquardt, Dra.

Florianópolis

2023

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Aparicio Carrapeta, Yuri de Luca
Proposta pedagógica para o surfe na Educação Física
Escolar / Yuri de Luca Aparicio Carrapeta ; orientador,
Lara Elena Gomes Marquardt, 2023.
56 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) -
Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de
Desportos, Graduação em Educação Física, Florianópolis, 2023.

Inclui referências.

1. Educação Física. 2. esportes de aventura. 3. práticas corporais na natureza. 4. escola. 5. ensino fundamental.
I. Gomes Marquardt, Lara Elena. II. Universidade Federal de Santa Catarina. Graduação em Educação Física. III. Título.

Yuri de Luca Aparicio Carrapeta

Proposta pedagógica para o surfe na Educação Física Escolar

Este Trabalho de Conclusão de Curso foi julgado adequado para obtenção do título de Licenciado em Educação Física e aprovado em sua forma final pelo Curso de Licenciatura em Educação Física com nota 9,0.

Florianópolis, 26 de junho de 2023.



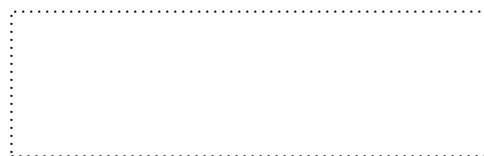
Coordenação do Curso

Banca examinadora

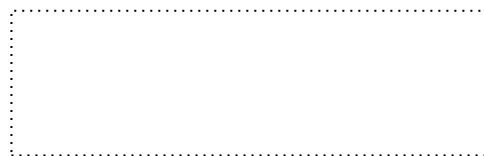


Profa. Lara Elena Gomes Marquardt, Dra.

Orientadora



Prof. Ricardo de Almeida Pimenta, Dr.
Universidade Federal de Santa Catarina



Profa. Maria Eduarda de Sousa, Ma.
Escola Básica Municipal Beatriz de Souza Brito

Florianópolis, 2023.

AGRADECIMENTOS

Considerando todo o caminho percorrido até a finalização deste trabalho de conclusão de curso, agradeço a todos que se fizeram presentes e me auxiliaram de alguma forma nesta jornada.

Agradeço, primeiramente, a Deus por ter me dado forças durante toda a minha graduação, especialmente, neste trabalho.

Agradeço imensamente a minha mãe e a meu pai, que sempre estiveram ao meu lado em todos momentos, que sempre me apoiaram nessa jornada, que nunca me deixaram faltar nada, seja amor, atenção, carinho ou recursos. Sem eles, nada disso aqui seria possível.

Agradeço também a todos os colegas de turma que estiveram presentes desde o início do curso, compartilhando das dificuldades, das alegrias e de todas descobertas da vida acadêmica.

Por fim, agradeço a minha orientadora, Lara, que foi essencial para construção desse documento, que acreditou em mim e que, sem ela nada, disso seria possível!

RESUMO

A Educação Física Escolar vem tendo um olhar crítico referente ao que é desenvolvido nas aulas, buscando alternativas para superar uma monotonia de práticas corporais, para incluir questões em evidência como o meio ambiente, além de incorporar as práticas corporais que fazem parte da comunidade para dentro da escola. O objetivo deste estudo foi propor a inclusão do surfe nas aulas de Educação Física de turmas dos anos finais do ensino fundamental para escolas de Florianópolis como meio de reconhecimento dos fatores naturais relacionados ao mar, apresentando uma proposta de ensino da modalidade. A proposta foi dividida em duas unidades, uma para o 8º ano e outra para o 9º ano, sem haver necessidade de um contato prévio com o assunto nos anos anteriores. Os trabalhos incluídos na revisão de literatura foram utilizados como ponto de partida para construção da sequência didática. Foi desenvolvido, entre aulas teóricas e práticas, um conjunto de cinco aulas para o 8º ano e oito aulas para o 9º ano, contendo proposições de atividades, além de utilizar imagens e a indicação de uma série de vídeos e filmes, facilitando a compreensão dos professores sobre a modalidade. Esta proposta não é fechada, mas poderá servir como um norte para os docentes que desejam desenvolver essa prática corporal tão rica e valorosa.

Palavras-chave: esportes de aventura; escola; práticas corporais na natureza; ensino fundamental; educação básica.

ABSTRACT

School Physical Education has been taking a critical look at what is developed in classes, seeking alternatives to overcome a monotony of body practices, to include issues in evidence such as the environment, in addition to incorporating body practices that are part of the community inside the school. The purpose of this study was to propose the inclusion of surfing in the Physical Education classes on final years of elementary school in Florianópolis as a means of recognizing factors related to the sea, presenting a natural proposal for teaching the modality. The proposal was divided into two units, one for the 8th grade and another for the 9th grade, without the need for prior contact with the subject in previous years. The studies included in the literature review were used as a starting point for the construction of the didactic sequence. Among theoretical and practical classes, a set of five classes for the 8th grade and eight classes for the 9th grade was developed, containing propositions of activities, in addition to images and the indication of a series of videos and movies, facilitating the teachers' understanding of the modality. This proposal is not closed, but it can serve as a guide for teachers who wish to develop this body practice that is so useful and valuable.

Keywords: adventure sports; school; body practices in nature; elementary school; basic education.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – <i>Balance board</i>	38
Figura 2 – Formação das ondas vagas.	41
Figura 3 – Onda para a direita.....	42
Figura 4 – Onda para a esquerda.	42
Figura 5 – Onda para ambos os lados.	42
Figura 6 – Onda cheia para a direita.	43
Figura 7 – Onda tubular para a esquerda.	43
Figura 8 – Surfskate.	46

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Objetos de conhecimento dos anos finais do ensino fundamental.	17
Quadro 2 – Habilidades citadas na Base Nacional Comum Curricular.	18
Quadro 3 – Eixos e objetivos da Educação Física da Proposta Curricular da Rede Municipal de Florianópolis, em que I é iniciação, A é aprofundamento, C é consolidar e R é retomar.	19
Quadro 4 – Opções de documentários, filmes e vídeos.	33
Quadro 5 – Materiais para a prática do surfe.	34
Quadro 6 – Exemplos para fazer pranchas a partir de materiais alternativos.	36
Quadro 7 – Exemplos de como realizar a prática do surfe.	37
Quadro 8 – Exemplos para fazer uma prancha de equilíbrio.	38
Quadro 9 – Exemplos localização no mar para o surfe e suas condições.	39
Quadro 10 – Exemplos de vídeos de como as ondas se formam.	41
Quadro 11 – Exemplos de como realizar a “leitura” das ondas.	41
Quadro 12 – Tipos de Fundos “bancadas”.	44
Quadro 13 – Surfskate.	46
Quadro 14 – Prevenções e segurança no surfe.	46

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ACS	Associação Catarinense de Surf
BNCC	Base Nacional Comum Curricular
FECASURF	Federação Catarinense de Surfe
LDB	Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
PIBID	Programa de Institucional de Iniciação à Docência
WCT	<i>World Championship Tour</i>
WQS	<i>World Qualifying Series</i>
WSL	<i>World Surf League Championship Tour</i>

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
1.1 OBJETIVO.....	11
1.2 JUSTIFICATIVA	12
2 REVISÃO DE LITERATURA	13
2.1 SURFANDO NA HISTÓRIA	13
2.2 NAS ONDAS DA ESCOLA.....	16
2.2.1 Das diretrizes	16
2.2.2 Para a areia	21
2.3 DROPANDO EM FLORIPA.....	28
2.4 SAIDEIRA.....	30
3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	31
3.1 QUESTÃO NORTEADORA.....	31
3.2 DESENHO DA PROPOSTA.....	31
4 APRESENTAÇÃO DA PROPOSTA	32
4.1 8º ANO	32
4.1.1 Primeira aula do 8º ano	32
4.1.2 Segunda aula do 8º ano	33
4.1.3 Terceira aula do 8º ano	36
4.1.4 Quarta aula do 8º ano	37
4.1.5 Quinta aula do 8º ano	38
4.2 9º ANO	39
4.2.1 Primeira aula do 9º ano	40
2.1.2 Segunda aula do 9º ano	40
4.1.2 Terceira aula do 9º ano	41
4.1.4 Quarta aula do 9º ano	43
4.1.5 Quinta aula do 9º ano	45
4.1.6 Sexta aula do 9º ano	45
4.1.7 Sétima aula do 9º ano	46
4.1.8 Oitava aula do 9º ano	47
4.2 REFLEXÕES – ESPERANDO POR UMA ONDA	48
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	50
REFERÊNCIAS	52

1 INTRODUÇÃO

A Ilha de Santa Catarina, Florianópolis, é uma cidade que possui diversas praias e que mantém uma cultura de esportes relacionados ao mar muito significativa, na qual o surfe faz parte. Essa é uma modalidade centenária, ou até mesmo milenar, que nasceu nas ilhas polinésias (SOUZA, 2013). Teve como difusor o havaiano Duke Paoa Kanamoku, um atleta da natação, que ficou conhecido a partir dos Jogos Olímpicos de Stockholm (1912), por conquistar a medalha de ouro nos 100 m livre (MENDEZ-VILLANUEVA; BISHOP, 2005). Duke, quando podia, dedicava seu tempo para fazer apresentações de surfe nos diversos lugares do mundo em qual competia, como nos Estados Unidos, na Austrália e na Europa, disseminando a prática e tornando-a mais popular (MENDEZ-VILLANUEVA; BISHOP, 2005).

No Brasil, o surfe começou a ser praticado na cidade de Santos (São Paulo), quando Osmar Gonçalves, após ganhar uma revista científica de seu pai que ensinava como construir uma prancha, fabricou a primeira prancha de madeira no país e a estreou no mar (CHAGAS, 2017). Desde então, o surfe passou por diversas transformações, seja em relação quanto à forma de praticá-lo, à evolução dos materiais, ao “estilo de vida” surfista até a sua profissionalização.

O surfe é o esporte náutico mais praticado do mundo, que movimenta negócios em diversos estados brasileiros, principalmente, em Florianópolis, onde, em média, a cada 20 pessoas, uma pratica o esporte (BITENCOURT *et al.*, 2005). Dessa maneira, surge a possibilidade de entender como essa prática poderia ser incorporada nas aulas de Educação Física Escolar. Além disso, o fenômeno dos esportes realizados na natureza vem ganhando grande espaço nos estudos referentes às práticas de lazer, envolvendo a Educação Física Escolar (DIAS, 2010).

A inclusão dos esportes praticados na natureza, com o intuito de intervir na realidade, pode apresentar aspectos de caráter inovador, assim como representa novas vivências e alternativas aos alunos, superando a forma técnica que visa prioritariamente à melhora das capacidades físicas (LACZNSKI; FIGUEIREDO; DUEK, 2021). Em outras palavras, a Educação Física Escolar permanece em um dilema que perpassa o tempo, mas que vem se transformando (DARIDO, 2012). As aulas ainda apresentam um caráter muito esportivizado, limitando os alunos das diversas possibilidades de práticas corporais que formam a disciplina (DARIDO,

2012), ou seja, há a necessidade de alternativas e transformações que contribuam para o aprendizado (LACZNSKI; FIGUEIREDO; DUEK, 2021).

A partir do referido, é possível pontuar a importância da inclusão de esportes realizados na natureza, explorando, por exemplo, as relações com o ambiente, as quais não são frequentemente trabalhadas no âmbito escolar. Essa inclusão é legitimada por meio da Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2018) e da Proposta Curricular da Rede de Ensino de Florianópolis (FLORIANÓPOLIS, 2016), ambas voltadas aos anos finais do ensino fundamental.

Considerando o contexto cultural de Florianópolis, o surfe, entre os esportes praticados na natureza, poderia ser incluído na Educação Física Escolar, principalmente, em escolas próximas de praias adequadas para a prática. Isso possibilitaria aumentar o leque de práticas ou vivências corporais por meio de um esporte que já faz parte da realidade, a qual a escola está inserida.

Desse modo, este trabalho tem como tema uma proposta de inclusão do surfe nas aulas de Educação Física dos anos finais do ensino fundamental de escolas de Florianópolis como meio de reconhecimento dos fatores naturais relacionados ao mar. Baseado nisso, este trabalho é organizado nos seguintes capítulos: Nesta introdução, que apresenta a contextualização, os objetivos e a justificativa; na segunda parte, a revisão de literatura com a apresentação da história do surfe e seu desenvolvimento mundial, nacional e municipal, além de verificar, junto aos documentos cabíveis, sua seguridade no contexto escolar e, principalmente, na Educação Física; na metodologia empregada e, por fim, na proposta e suas possibilidades de aplicação, limitações e reflexões, além das considerações finalizando o texto.

1.1 OBJETIVO

O objetivo deste estudo foi propor a inclusão do surfe nas aulas de Educação Física de turmas dos anos finais do ensino fundamental para escolas de Florianópolis como meio de reconhecimento dos fatores naturais relacionados ao mar, apresentando uma proposta de ensino da modalidade.

1.2 JUSTIFICATIVA

Do ponto de vista pessoal do estudante, o tema proposto tem duas justificativas. A primeira refere-se à vivência que tem com o surfe, praticando desde a infância e outra refere-se ao Programa de Institucional de Iniciação à Docência (PIBID), no qual foi bolsista atuante em uma escola da rede municipal de Florianópolis localizada no sul da Ilha, local onde mora e surfa. Atuando na escola, percebeu que as aulas de Educação Física permaneciam nos mesmos moldes de quando estudou no ensino fundamental. Ao mesmo tempo, a escola, em que foi bolsista, fica, no máximo, a 300 m de uma praia adequada para a prática do surfe, onde encontrava alunos da escola surfando com frequência. Isto é, o surfe, nesse caso, é uma modalidade culturalmente praticada no bairro, no qual a escola está inserida, mas não fazia parte da cultura escolar.

Outra justificativa para a escolha da temática é a relação com que o surfe traz com a natureza, algo que vem se perdendo na atualidade com os avanços tecnológicos. Os jovens acabam por ficarem mais na frente da televisão, computador ou celular, em vez de experimentar atividades ao ar livre e em contato com a natureza. (SOUZA; WENDHAUSEN, 2010).

Partindo desses pontos, se mostrou plausível formular uma proposta de ensino que englobasse diversas características do surfe e do mar, sistematizando uma sequência didática para aulas de Educação Física Escolar. Essa sistematização não foi encontrada na literatura. Assim, este trabalho serviria como norte para professores desenvolverem a temática nas aulas, juntamente com a importância de reconhecer os diversos fatores naturais relacionados ao mar.

Por fim, o tema é importante para identificação do mesmo nas aulas de Educação Física, já que o surfe e outras práticas corporais de aventura, que não são utilizadas nas aulas ainda, são resguardadas por diversas diretrizes como a BNCC (BRASIL, 2018) e a Proposta Curricular da Rede de Ensino de Florianópolis (FLORIANÓPOLIS, 2016). Além disso, a proposta aqui planejada pode melhorar o respeito das crianças pelo mar.

2 REVISÃO DE LITERATURA

Para embasar o presente projeto de pesquisa, foi escrita esta revisão de literatura, a qual consiste nos seguintes capítulos: (1) Surfando na história; (2) Nas ondas da escola (das diretrizes para a areia); (3) Dropando em Floripa e (4) Saideira.

2.1 SURFANDO NA HISTÓRIA

A partir de 2014, devido à primeira conquista de um brasileiro, Gabriel Medina, no circuito mundial (*World Surf League Championship Tour*), o surfe teve um grande impulsionamento em âmbito nacional, popularizando-se e ganhando espaço na mídia, além de conquistar vários novos adeptos (GULIN; ANDRÉ, 2015). Estreou nos Jogos Olímpicos de Tóquio 2020 com a vitória do brasileiro Ítalo Ferreira. Contudo, o surfe é mais antigo do que se pensa e sua história envolve diversos acontecimentos até chegar no que conhecemos.

Essa prática milenar, considerada uma das mais antigas do mundo, apresenta diversas teorias em relação ao seu início, considerando o seu local de origem (SOUZA, 2013). Entretanto, a teoria mais plausível aponta para a Polinésia como local de surgimento, onde, com pranchas de surfe feitas de madeiras, os chefes das tribos locais desciam as ondas, surfando como forma de agradecimento aos deuses pela fartura do mar e pela gratidão de poder usufruir do mesmo como forma de lazer (REZENDE, 2004). Portanto, podemos dizer que o surfe era uma prática pertencente à cultura monarca da época (LORCH, 1980), ou seja, os chefes polinésios gozavam de alguns privilégios, livres de trabalhos braçais, aventuravam-se no mar praticando o surfe, o que justifica esta reputação elitista (SOUZA, 2004). Por outro lado, os polinésios eram um povo que dependiam do mar para conseguir o seu sustento, por isso, havia a necessidade de construir embarcações para ajudar no trabalho (BASTOS; PEREIRA, 2017). Desse modo, o que era trabalho tornou-se parte do lazer e, em ondas havaianas, deslizavam sobre tábuas de madeiras, assim nascia o surfe (BASTOS; PEREIRA, 2017).

O primeiro europeu a presenciar a prática do surfe foi o colonizador inglês James Cook (SOUZA, 2013). Ele registrou em seu diário que observou nativos praticando o esporte com pranchas feitas de madeira (SOUZA, 2004): Aliás (REZENDE, 2004, p. 4):

O estigma do surfista, estereotipado como o eterno vagabundo, talvez tenha nascido do choque cultural entre duas das mais distintas sociedades existente no mundo, a dos polinésios, que reverenciava a vida, e a dos ocidentais, cujos principais modelos foram orientados para a degradação do meio ambiente com fins puramente de acumulação de bens e riqueza.

A prática do surfe foi se desenvolvendo e fazendo parte de algumas culturas, sendo relacionada, principalmente, com a cultura havaiana, que até hoje exerce grande influência sobre a modalidade (SOUZA, 2013, p. 3):

De acordo com o desenvolvimento e popularização do surf ao longo da história, nos parece plausível afirmar que a procedência havaiana do surf tem maior destaque e influência no progresso da modalidade.

Um dos principais disseminadores do surfe pelo mundo foi o havaiano Duke Kahanamoku, que era um atleta olímpico de natação (MOREIRA, 2009). Quando competia pelos diferentes países, sempre levava sua prancha na bagagem para divulgar o esporte, sendo considerado mais tarde o embaixador e pai do surfe (MOREIRA, 2009).

O “surfe moderno” está relacionado aos Estados Unidos (LORCH, 1980). O surgimento da indústria do surfe começou na Califórnia dos anos de 1950 (LORCH, 1980). Isso ocorreu em parte graças ao desenvolvimento econômico e tecnológico decorrente das duas guerras mundiais (LORCH, 1980). Após a Segunda Guerra, os jovens surfistas americanos conseguiram se dedicar à construção de pranchas, com um considerável desenvolvimento no *design* e na diminuição do peso desses artefatos (LORCH, 1980).

Durante esse mesmo período, o surfe começou a ser marginalizado, atrelado, principalmente, ao uso de drogas como a maconha e também a jovens que não gostavam de trabalhar, manchando um pouco a imagem do esporte, ou seja, era visto como um esporte socialmente inaceitável (VIEIRA, 2012). Não obstante, futuramente, passou a ser reconhecido como uma prática séria, de alto nível como todas as outras modalidades conhecidas e consideradas como importantes (DIAS, 2008). Foi o início do processo de esportivização da modalidade, mostrando uma face mais atlética, de integração com a natureza, uma geração mais saudável (DIAS, 2008, p. 130):

Tida como uma geração “jovem e bronzada”, esses “modernos adoradores da natureza” seriam estereotipados ou estereotipáveis de forma cada vez mais flagrante: “Dormem cedo, elegem a simplicidade em vez dos conflitos, procuram ar puro em lugar de fumaça de cigarros, bebem suco de cenoura e adoram um recheio de ricota entre duas fatias de pão preto”.

Com a grande influência americana daquele período, o surfe começou a se espalhar em âmbito mundial, incluindo o Brasil. Entretanto, estima-se que a prática iniciou em 1939, quando Osmar Gonçalves, natural da cidade de Santos-SP, ganhou uma revista científica americana do seu pai, que ensinava como construir uma prancha de surfe de madeira (CHAGAS, 2017). Após três meses de construção, Osmar teria estreado seu novo “brinquedo” com o seu amigo Juá, na praia do Gonzaga, em Santos (CHAGAS, 2017). Pela falta de conhecimento sobre o assunto, os dois foram os únicos surfistas durante muito tempo (CHAGAS, 2017).

A partir de 1950, outra influência relevante surgiu com o início de voos internacionais no Brasil, os pilotos americanos começaram a transportar suas pranchas nas viagens, aproveitando o seu tempo de folga para surfar na costa brasileira, especialmente, nas praias do Rio de Janeiro (CHAGAS, 2017). Isso influenciou muito os cariocas, os quais passaram a ser referência no esporte nacionalmente. Os cariocas se interessaram cada vez mais, procurando ir ao exterior para conhecer mais a modalidade e disseminá-la pelo Brasil (DIAS, 2017).

O surfe chega no sul do país e, segundo Gutembert (1989): “Os gaúchos Johanpeter e Sefton são, possivelmente, os primeiros surfistas do sul do país com características típicas, tais como: “pegar onda”, praia todo final de semana e férias, viagens à procura de novos picos, vida nômade”. Há poucos registros sobre o início do surfe em Florianópolis, porém, durante os anos de 1970, começou a ser percebido o início dessa prática nas praias da Ilha (CHAGAS, 2017). Eram surfistas entusiastas com o fato de deslizarem sobre as ondas (CHAGAS, 2017).

Com a popularização do esporte em Florianópolis, o primeiro campeonato foi realizado em 1976 na praia da Joaquina. Somente anos depois, foi fundada uma organização de surfe, em 1980, a Associação Catarinense de Surf (ACS), a qual organizou o primeiro circuito catarinense de surfe. Em 1987, a associação se torna Federação Catarinense de Surfe ou FECASURF (BERNARDO, 1997).

Na atualidade, Florianópolis é reconhecida como um dos melhores *breakpoints* do mundo para a prática do esporte (STOTZ, 2010). Praias como a Joaquina e a Mole

já sediaram as principais etapas do circuito mundial de surfe, o *World Championship Tour* (WCT) e o *World Qualifying Series* (WQS), trazendo milhares de pessoas para as praias e movimentando uma indústria de milhões de reais (STOTZ, 2010).

Diversos atletas de alto nível vivem na Ilha e aproveitam as boas condições de ondas para praticar e treinar. Dentre os mais conhecidos, é possível citar: Adriano de Souza, comumente chamado de “Mineirinho”, que foi campeão mundial de surfe em 2015, sendo o segundo brasileiro a conquistar esse título na história, e Yago Dora, outro grande surfista que faz parte do circuito mundial de surfe desde 2018. Outros nomes importantíssimos de surfistas que moram aqui são Fábio Gouveia, campeão brasileiro e do WQS, e Flávio Padaratz, mais conhecido como “Teco” Padaratz, que foi bicampeão mundial do mesmo WQS.

Sabendo do enorme número de praticantes de surfe em Florianópolis, por conta das suas praias propícias para a prática da modalidade, o surfe pode ser um conteúdo muito importante para se trabalhar nas aulas de Educação Física, principalmente, em escolas localizadas nas proximidades de praias.

2.2 NAS ONDAS DA ESCOLA

2.2.1 Das diretrizes

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) não pontua diretamente a inclusão do surfe nas aulas de Educação Física, mas faz parte da temática das Práticas Corporais de Aventura na Natureza. Por outro lado, aponta certa preocupação com a não organização das práticas corporais no meio líquido como organizadoras da Educação Física na BNCC (BRASIL, 2018, p.219):

Ainda que não tenham sido apresentadas como uma das práticas corporais organizadoras da Educação Física na BNCC, é importante sublinhar a necessidade e a pertinência dos estudantes do País terem a oportunidade de experimentar práticas corporais no meio líquido, dado seu inegável valor para a segurança pessoal e seu potencial de fruição durante o lazer. Essa afirmação não se vincula apenas à ideia de vivenciar e/ou aprender, por exemplo, os esportes aquáticos (em especial, a natação em seus quatro estilos competitivos), mas também à proposta de experimentar “atividades aquáticas”. São, portanto, práticas centradas na ambientação dos estudantes ao meio líquido que permitem aprender, entre outros movimentos básicos, o controle da respiração, a flutuação em equilíbrio, a imersão e os deslocamentos na água.

A viabilização do surfe no contexto escolar pode parecer inviável por conta do ambiente no qual é exercido, porém, assim como os diversos esportes já pertencentes e comumente vivenciados dentro das aulas de Educação Física, as práticas corporais de aventura devem ser adaptadas às condições da escola, simulando o que seria experimentado no mar, respeitando o contexto no qual cada escola está inserida (BRASIL, 2018).

O documento também define seis unidades temáticas, nas quais as práticas corporais de aventura estão inseridas, apresentando seus diversos objetivos de conhecimento para cada temática, incluindo as habilidades com potencial de acordo com cada ano dos discentes. A partir disso, a unidade temática voltada para os anos finais do ensino fundamental, ou seja, 8º e 9º anos, garantem a inclusão do surfe na BNCC (ver Quadro 1). Partindo para as habilidades, podemos destacar EF89EF19, EF89EF20, EF89EF21, as quais acrescentam legibilidade ao uso do surfe como componente das diretrizes de ensino (ver Quadro 2).

Quadro 1 – Objetos de conhecimento dos anos finais do ensino fundamental.

UNIDADES TEMÁTICAS	OBJETOS DE CONHECIMENTO	
	6º E 7º ANOS	8º E 9º ANOS
Brincadeiras e jogos	Jogos eletrônicos	
Esportes	Esportes de marca Esportes de precisão Esportes de invasão Esportes técnico-combinatórios	Esportes de rede/parede Esportes de campo e taco Esportes de invasão Esportes de combate
Ginástica	Ginástica de condicionamento físico	Ginástica de condicionamento físico Ginástica de conscientização corporal
Danças	Danças urbanas	Danças de salão
Lutas	Lutas do Brasil	Lutas do mundo
Práticas corporais de aventura	Práticas corporais de aventura urbanas	Práticas corporais de aventura na natureza

Fonte: Brasil (2018).

Quadro 2 – Habilidades citadas na Base Nacional Comum Curricular.

(EF89EF19) Experimentar e fruir diferentes práticas corporais de aventura na natureza, valorizando a própria segurança e integridade física, bem como as dos demais, respeitando o patrimônio natural e minimizando os impactos de degradação ambiental.
(EF89EF20) Identificar riscos, formular estratégias e observar normas de segurança para superar os desafios na realização de práticas corporais de aventura na natureza.
(EF89EF21) Identificar as características (equipamentos de segurança, instrumentos, indumentária, organização) das práticas corporais de aventura na natureza, bem como suas transformações históricas.

Fonte: Brasil (2018).

Partindo para o âmbito municipal, a Proposta Curricular da Rede Municipal de Ensino de Florianópolis também apresenta aspectos que legitimam a prática do surfe nas aulas de Educação Física. A Proposta Curricular da Rede Municipal de Florianópolis não especifica a modalidade como exemplo de ferramenta a ser desenvolvida, mas se manifesta como parte dos aspectos a serem trabalhados nas práticas corporais na natureza (FLORIANÓPOLIS, 2016, p. 147):

Desse modo, as manifestações corporais de movimento que seriam objeto da Educação Física no Ensino Fundamental da Rede Municipal de Ensino de Florianópolis seriam: brincadeiras, jogos, danças, práticas corporais rítmicas, lutas, esportes, ginásticas e práticas corporais alternativas e na natureza. Os conhecimentos que fazem parte desse eixo são relativos tanto à experimentação das práticas corporais quanto aos conhecimentos conceituais sobre a sua estrutura.

A estrutura da Proposta Curricular da Rede Municipal de Florianópolis é um pouco semelhante à estrutura da BNCC, havendo diferenças. O quadro no qual eram trabalhadas as Unidades Temáticas e as Habilidades a serem aprofundadas, passaram a ser descritas como eixos e conteúdos da Educação Física, respeitando o ano do Ensino Fundamental e suas modalidades. No Quadro 3, é possível identificar os eixos e objetivos em seus diferentes níveis de aprofundamento respeitando cada

ano escolar. Os objetivos que apresentam e contextualizam as práticas corporais na natureza resguardam a utilização do surfe como meio de aprendizado, desde o reconhecimento de potencialidade e perigos ao reconhecimentos de fatores naturais (identificação de potenciais lugares de risco, como correntes de retorno, canais e buracos, área de arrebenção das ondas e correntes marítimas) entre outras nuances.

Quadro 3 – Eixos e objetivos da Educação Física da Proposta Curricular da Rede Municipal de Florianópolis, em que I é iniciação, A é aprofundamento, C é consolidação e R é retomar.

Eixos	Objetivos	1º Ano	2º Ano	3º Ano	4º Ano	5º Ano	6º Ano	7º Ano	8º Ano	9º Ano
Ampliação das possibilidades de movimento dos seres humanos.	Experimentar, desfrutar e recriar diferentes práticas corporais na natureza, como esportes, campismo, passeios, trilhas, montanhismo, banhos, jogos etc.	I	I	A	A	C	C	R	R	R
	Formular estratégias para identificar possibilidades e desafios em realizar práticas corporais alternativas e na natureza.	I	I	A	A	C	C	R	R	R
Formular estratégias para identificar possibilidades e desafios em realizar práticas corporais alternativas e na natureza.	Compreender criticamente as transformações históricas dos sentidos e significados constitutivos das práticas corporais alternativas e na natureza, bem como as possibilidades de recriá-las.					I	I	A	C	R
	Compreender e analisar as complexas relações entre natureza e cultura, biológico e social, desenvolvimento e preservação, equilíbrio e desequilíbrio, alimentação e saúde, entre outras, que marcam sentidos e significados atribuídos às práticas corporais alternativas e na natureza.					I	I	A	C	R
	Reconhecer e refletir sobre as características (riscos, instrumentos, equipamentos de segurança indumentária, organização) e tipos de práticas corporais na natureza.					I	I	A	C	R
	Compreender e analisar as possibilidades de apreciar práticas corporais alternativas e na natureza para a promoção de bem-estar, consciência corporal e saúde.					I	I	A	C	R

Fonte: Florianópolis (2016).

Como foi possível observar, tanto na BNCC quanto na Proposta Curricular da Rede Municipal de Florianópolis, na Educação Física atual, existe muito incentivo para se trabalhar conteúdos como jogos, danças, lutas, ginásticas e esportes, dando uma

base de possibilidades a serem trabalhadas, muito ampla para os professores. Com tantas possibilidades, é importante diversificar as vivências que os alunos experimentam nas aulas de Educação Física, saindo da mesmice e dos esportes tradicionalmente utilizados e conhecidos como “quarteto mágico” (futebol, voleibol, basquetebol e handebol) (DARIDO, 2012).

Ainda hoje, muitos professores são influenciados pela concepção esportivista, focando na aprendizagem da técnica dos esportes citados anteriormente (DARIDO, 2012). Esse fato se torna ainda mais delicado visto que os professores acabam por transmitir esses conteúdos de forma superficial, visando apenas o saber fazer, o que limita a perspectiva do que se ensina/aprende, de todo conhecimento já produzido sobre a cultura corporal (DARIDO, 2012). Logo, é dever da Educação Física Escolar garantir o acesso a uma pluralidade de práticas da cultura corporal, constituindo e desenvolvendo aspectos que os façam ter um olhar crítico referente ao que se vivencia (BRASIL, 1996).

Diante disso, a utilização das práticas corporais de aventura, asseguradas anteriormente pela BNCC e pela Proposta Curricular da Rede Municipal de Florianópolis, nas aulas de Educação Física, deveriam compor o leque de vivências na escola. Ainda, com a inclusão dos esportes de aventura, é possível relacionar a inserção de questões sobre meio ambiente alinhadas às aulas de Educação Física, transformar a mesmice dessas aulas, deixando-as mais interessantes e “inovando” com um tema que não é constantemente trabalhado, mas que está presente com frequência na mídia, além de desenvolver diversas habilidades motoras, entre outros fatores (FRANCO, 2010).

Dessa maneira, Iacznski, Figueiredo e Duek (2021, p. 3) afirmam que:

A realidade nas escolas denota a necessidade de alternativas e transformações que contribuam para a educação na contemporaneidade e para a formação plena, a começar pela educação básica. Não obstante, a Educação Física deve implementar propostas para atingir essa necessidade, a exemplo do esporte de aventura empregado no intuito de intervir na realidade, explorando o seu aspecto inovador, favorecendo vivências alternativas aos alunos e transcendendo o ensino-aprendizagem das práticas corporais apenas de forma técnica e que visam prioritariamente as capacidades físicas.

As práticas corporais de aventura realizadas junto à natureza são tão antigas quanto o homem, sendo um desenvolvimento natural do próprio movimento corporal,

que mais tarde passaram a ser sistematizadas, tornando-as como são conhecidas na atualidade (SOUZA; CAVALCANTE; SCHWINGEL, 2019). A partir da análise de estudos sobre práticas corporais de aventura, há uma longa discussão sobre sua classificação, por exemplo, Betrán (2003) expõe que as mesmas têm seu fundamento no deslize sobre superfícies naturais, onde se busca a interação com a natureza, equilibrando os riscos da prática com as emoções resultantes da sua execução. O autor também descreve que, na atualidade, é possível classificar os esportes de aventura em três categorias: aéreos, aquáticos e terrestres.

Pereira e Ambrust (2010) reiteram que a pedagogia da aventura, relacionada com a educação, pode ter seus conteúdos desenvolvidos por meio das dimensões atitudinais, conceituais e procedimentais. Considerando esses conceitos, Souza, Cavalcante e Schwingel (2019, p. 100) descrevem:

A dimensão conceitual refere-se ao que será ensinado, ou seja, o que o aluno deverá aprender em termos de conceitos e fatos relacionados às modalidades; a dimensão procedimental trata-se de como eu vou transmitir os conteúdos, como vou ensiná-los e como eu devo agir diante de uma situação concreta de prática de alguma modalidade, como por exemplo, ser gestor dos procedimentos de segurança e saber utilizar os equipamentos de segurança corretamente. Assim os procedimentos necessários para a execução de cada atividade em específico deverão ser aprendidos de maneira correta e pontual. A dimensão atitudinal contempla o conhecimento e reconhecimento acerca do padrão de atitudes envolvida no ensino e na aprendizagem, relacionando-as ao seu meio e circunstâncias envolvidas no processo.

Entre as práticas corporais de aventura, o surfe aparece como possibilidade de conteúdo, como afirma Souza Neto e Wendhausen (2007, p. 6):

Assim, o surf, considerado um esporte de aventura e em contato com a natureza, além de proporcionar prazer aos seus praticantes, traz benefícios essenciais para o seu desenvolvimento integral.

2.2.2 Para a areia

O surfe é um esporte que está ligado com a ideia de uma “comunhão com a natureza”, uma vez que envolve diálogos que fomentam a preocupação com o meio em que se pratica, mostrando uma sensibilidade aguda com questões ecológicas (AMARAL; DIAS, 2008). Pellegrini (2012) corrobora a importância do surfe com as

questões ecológicas e sustentáveis, enfatizando a participação das diversas associações de surfe em movimentos socioambientais, manifestações contra a expansão imobiliária em praias tradicionais no cenário do surfe brasileiro e internacional, além de campanhas publicitárias na indústria do surfe que exploram o *marketing* ambiental entre outras funções.

O surfe também proporciona benefícios à saúde, já que envolve a ação de vários grupos musculares, sendo um excelente exercício cardiovascular e ainda desenvolve equilíbrio e coordenação motora (ABRANCHES, 2013). Além do desenvolvimento físico, o surfe pode melhorar a autoestima no decorrer da evolução do indivíduo com o esporte, ampliando as possibilidades de realizações e capacidades de conquistas (STEINMAN, 2003).

Vieira (2012, p. 11) reforça:

Considera-se que além das contribuições que a prática de qualquer atividade física proporciona, o surfe ainda possibilita outras descobertas por ser uma atividade de aventura e despertar algumas características relacionadas com a superação de limites e capacidade de conquista.

Referente ao sentimento que envolve o surfe, Bueno (2007, p. 142) afirma:

O surf ajuda as pessoas a serem mais felizes. O ato de surfar, ou mesmo de apreciar as ondas, é algo que adoça a vida, relaxa e inspira. No meio dessa vida veloz de cotidiano intenso e tecnologia frenética, feliz é aquele que pode surfar regularmente, aquele que pode respirar a brisa do cheiro do mar e do cheiro da pele queimada de sol. O ato de assistir as ondas quebrando, azul, perfeita, já nos ajuda a tranquilizar o espírito.

Além dos pontos já apresentados, a inclusão do surfe nas aulas de Educação Física se faz necessária, especialmente, em cidades litorâneas, já que as praias e o estilo de vida relacionado ao mar estão presentes no dia-a-dia do sujeito que reside nessas localidades (MARTINS, 2008). Em outras palavras, os conteúdos a serem trabalhados na Educação Física devem condizer com a realidade a qual a escola está inserida, ou seja, a realidade da cultura corporal daquela comunidade deve ser respeitada (MARTINS, 2008).

Portanto, pode-se afirmar que o surfe é um conteúdo que deveria compor as aulas de Educação Física das escolas de Florianópolis, considerando o contexto no qual as escolas e a cidade estão inseridas. Com o intuito de analisar possibilidades

de incluir a modalidade como prática a ser trabalhada nas aulas, foi realizada uma busca, pontuando propostas e intervenções envolvendo a inserção do surfe como conteúdo da Educação Física Escolar, principalmente nos anos finais do ensino fundamental. A partir disso, são apresentadas, a seguir, propostas e intervenções com seus processos metodológicos, sequências didáticas (quando havia) e as formas de avaliação.

Chagas (2017), em seu trabalho de conclusão de curso, apresentou uma proposta de inserção do surfe nas aulas de Educação Física justamente para o município de Florianópolis. Com essa finalidade, utilizou das três dimensões de ensino (conceitual, procedimental e atitudinal) para organizar os conteúdos a serem desenvolvidos dentro da temática do surfe nas aulas de Educação Física. Assim, na esfera dos conteúdos conceituais, Chagas (2017) recomenda a apresentação:

- (1) Da história do surfe, desde o cenário mundial até a sua trajetória às praias florianopolitanas;
- (2) Dos principais campeonatos de surfe, indicando o funcionamento dos mesmos sejam campeonatos locais ou mundiais;
- (3) Dos equipamentos utilizados na prática do esporte, mostrando quais materiais são necessários ou facultativos no andamento da modalidade;
- (4) Dos principais atletas brasileiros e de âmbito mundial que contribuíram para o crescimento do surfe;
- (5) Do conhecimento da natureza, como meio de oferecer segurança a partir do reconhecimento dos perigos que o mar possui, reconhecendo os fatores naturais como os ventos, com o intuito de proporcionar uma melhor análise do local da prática.

No que se refere aos conteúdos procedimentais, Chagas (2017) foca, principalmente, nos atributos técnicos voltados à prática, como os fundamentos básicos para a progressão no surfe, que nada mais são que o posicionamento do praticante na prancha, iniciação ao movimento de remada, além de ficar em pé na prancha; a prática no meio líquido com as características técnicas de como se manter flutuando sobre a prancha, por exemplo; os progressos nos fundamentos básicos, introduzindo uma leitura do mar mais precisa e capacitada junto à evolução dos movimentos técnicos e as manobras, consolidando um leque de possibilidade e opções das mesmas.

Os temas a serem tratados na dimensão atitudinal por Chagas (2017) são voltados principalmente para integração do praticante com a natureza, desenvolvendo um cuidado com o meio em que se convive e se pratica o esporte: Evitar propagar lixo no meio ambiente, tendo zelo e respeito com o ecossistema local, tornando-se parte daquilo que se utiliza. Também estão incluídos temas como o relacionamento do surfista com outros praticantes de esportes aquáticos no mar, respeitando todos que usufruem das ondas, as tradições de cada praia e os praticantes locais das mesmas. Chagas (2017) também pontua que não existe na prática docente como separar os conteúdos durante a sua execução, havendo características conceituais e atitudinais, por exemplo, em um exercício.

Utilizando dessa base, o autor propõe sugestões de ensino-aprendizagem para cada ciclo citado, adaptando os conteúdos para cada nível de desenvolvimento dos indivíduos. Chagas (2017 p. 64), relata:

[...] é importante destacar que a proposta não deve ser entendida como única e fechada, apresenta-se, porém, como uma possibilidade de sistematização e de trato metodológico desses conhecimentos para a educação básica, devendo ser adaptado a cada realidade escolar, com base na geolocalização de cada entidade de ensino.

No que diz respeito ao 4º ciclo, ou seja, aos anos finais do ensino fundamental, o autor organiza os conteúdos em diferentes conhecimentos e suas especificidades, que são eles:

- (1) Fundamentos básicos do surfe: trabalhar equilíbrio no meio terrestre, remada e equilíbrio dentro de uma piscina, remar e equilibra-se utilizando *stand-up paddle*;
- (2) Histórico do surfe: conhecimento do surgimento do surfe no mundo, no Brasil e em Florianópolis;
- (3) Conhecimento da natureza: conhecer ventos, praias, tipos de bancadas e ondulações;
- (4) Segurança: conteúdo sobre segurança marítima;
- (5) Atividades práticas: atividades em praias, lagoas e piscinas, utilizando os equipamentos para evolução no surfe;
- (6) Visitas de campo: visitas às praias de Florianópolis, utilizar o mar para a prática, utilizar lagoa e piscinas com equipamentos para melhorar os fundamentos básicos;

(7) Manipulação de equipamentos: utilizar os equipamentos em praias, lagoas e piscinas.

Vale ressaltar que o 4º ciclo é produto de uma sequência didática que se inicia no 1º ciclo, que envolve o 1º e 2º anos do ensino fundamental (CHAGAS, 2017). Desse modo, é, nesse ciclo, que os indivíduos acabam por realizar saídas de campo com mais frequência, porém, dependendo das condições climáticas, essa sequência didática pode ser alterada, ocorrendo nos domínios da escola e focando nos conteúdos teóricos que também são muito importantes (CHAGAS, 2017).

Já Mattos e Melo Júnior (2013) apresentaram uma proposta e intervenção, relatando uma experiência vivida em um estágio em uma escola em Florianópolis, a qual foi intitulada como: “Esportes com prancha nas aulas de Educação Física”. Essa temática envolveu esportes como o surfe, *stand-up paddle*, *kitesurf*, *windsurf*, *wakeboard*, *skimsurf*, *sandboard*, *snowboard* e *grassboard*. O surfe foi tratado como um conteúdo específico a se desenvolver. Os autores, com auxílio de recursos audiovisuais, desenvolveram tópicos como conhecimento técnico da modalidade, sua história, equipamentos necessários para a prática, principais atletas e campeonatos.

Os autores, diferentemente da proposta anterior (CHAGAS, 2017), especificaram seu planejamento metodológico utilizado para embasar a construção das atividades (MATTOS; MELO JÚNIOR, 2013, p. 1):

A proposta metodológica adotada foi a concepção crítico superadora, segundo a qual, é papel da educação física na escola a transmissão do conhecimento sobre a cultura corporal, no intuito de promover a justiça social, socializando os significados objetivos construídos em torno do corpo e das práticas corporais, ao mesmo tempo estimulando à elaboração de novos sentidos a partir da experiência individual e da apreensão da expressão corporal como linguagem.

As atividades planejadas tinham como propósito simular as práticas do surfe no meio terrestre, utilizando materiais que desenvolvem os fundamentos necessários para realização da modalidade, com auxílio de materiais como *skates*, bicicletas, brinquedos que trabalham o equilíbrio, *slack line*, entre outros. Os autores também utilizaram brincadeiras como jogos de queimada e pega bandeira como meio de aquisição e refinamento de habilidades necessárias para realização da prática do surfe, como: equilíbrio, agilidade, flexibilidade e força.

A respeito da participação e envolvimento dos alunos, os autores relatam que ocorreu de forma gradativa durante o processo, sendo notório um progresso na relação comportamental nas aulas de Educação Física, além do aumento de interesse pelo conteúdo e pela disciplina propriamente.

Como Chagas (2017), Mattos e Melo Júnior (2013) organizaram o conteúdo compreendendo as dimensões atitudinais, procedimentais e conceituais e, assim, avaliaram os alunos. A avaliação foi planejada com o intuito de identificar o conhecimento dos alunos, realizando uma análise prévia das práticas sociais, saberes e vivências dos indivíduos referentes à temática proposta, analisando o nível de desenvolvimento de cada um dentro do que foi trabalhado. Os autores não exemplificaram como foram elaboradas tais avaliações, mas ressaltam que, para uma avaliação eficaz, é necessário utilizar instrumentos que avaliem de forma separada cada nível de conhecimento das três dimensões, para identificar possíveis dificuldades de aprendizagem e potencialidades.

Saindo de Florianópolis, outra proposta ocorreu na cidade de Bertioga no estado São Paulo. Araújo *et al.* (2018) entrevistaram um professor de Educação Física da educação básica, o qual descreveu como trabalhava com o surfe em suas aulas. Primeiramente, o professor decidiu implementar a modalidade nas aulas após perceber que o número de praticantes de surfe na sua cidade estava tendo uma baixa significativa. Além disso, outras justificativas foram citadas pelo professor (ARAÚJO *et al.*, 2018, p. 2):

O surf pode afastá-los (os alunos) de coisas ruins, tirando-os das ruas. Também na questão da saúde, é um esporte que vai proporcionar um estilo de vida saudável, aprender a não poluir e a cuidar da natureza.

O professor organizou a inserção da modalidade de forma interdisciplinar, dando dinâmica e conseguindo se aprofundar no tema. É relatado, de forma sucinta, que a mesma forma de organização das propostas observadas anteriormente foram utilizadas pelo professor, tratando das métricas atitudinais, procedimentais e conceituais, mesmo que não descritas diretamente. A modalidade era introduzida pelo professor inicialmente dentro de sala de aula, tratando das questões teóricas como a história da modalidade, já abordando em seguida temas de segurança no meio aquático (mar), variando de aulas expositivas a recursos audiovisuais. Não é programado uma divisão de níveis de ensino para cada grupo de alunos, ou seja, o

aluno do 6º ano do ensino fundamental teria a mesma aula dos alunos do 3º ano do ensino médio, mudando apenas a forma de abordagem. Em outras palavras, para os mais novos, o professor insere a modalidade de forma lúdica, utilizando brincadeiras como base de ensino e, para os mais velhos, a temática é introduzida de forma mais técnica e funcional. Em relação ao *feedback* dos alunos, o professor sinaliza positivamente (ARAÚJO *et al.*, 2018, p. 2):

Foram as melhores possíveis, por que é algo novo para eles. Me formei em 2012, já tem 4 anos que dou aula e sempre peguei onda; me visto como um cara que pega onda, e passo isso para eles, e os mesmos se encantam só ao me ver, e a recepção é a melhor possível.

Analisando as propostas já descritas, é possível verificar certas semelhanças entre as mesmas. A organização dos conteúdos – em atitudinais, conceituais e procedimentais – estava presente em todas, demonstrando ser um caminho interessante para se desenvolver o surfe nas aulas de Educação Física.

Em relação à metodologia, é possível identificar certa “padronização” entre as três propostas apresentadas. Os autores idealizaram sequências didáticas similares, na qual utilizavam de aulas teóricas no início das intervenções com a nova temática, para posteriormente aplicar atividades práticas voltadas ao surfe. É possível observar que os mesmos desenvolveram, inicialmente, os aspectos históricos da modalidade, partindo da criação, passando pelos grandes nomes do esporte e chegando até o que o surfe é nos dias de hoje. Após esse momento, os autores idealizaram atividades de reconhecimento dos materiais necessários para a prática, como utiliza-los, até chegar aos movimentos técnicos do surfe.

Das capacidades e possibilidades de inserção do esporte na escola, as três propostas evidenciaram que não precisa, necessariamente, estar no chão da praia para incluir o surfe na escola. Todos, em algum momento, ofereceram possibilidades adaptadas a cada realidade na qual as escolas se encontraram. É evidente que estar no meio em que o esporte é realizado agrega e facilita muito o desenvolvimento do professor para com o surfe, mas, essas adaptações abrem um leque de oportunidades de propagação desse conhecimento para escolas que não estão inseridas nas regiões costeiras, ampliando as oportunidades de práticas corporais.

Por fim, o ensino do surfe nas aulas de Educação Física parece ser um grande aliado para relações interdisciplinares, potencializando os conhecimentos em diversas áreas da educação. O tratamento com a modalidade nas aulas resultou em grande

satisfação por parte dos alunos, que por ser uma modalidade “nova”, dinâmica, em um meio diferente do comum, caracterizou-se como interessante e motivadora.

2.3 DROPANDO EM FLORIPA

Em âmbito escolar, o surfe teve espaço nas aulas de Educação Física, primeiramente, nas escolas da Austrália por volta da década de 1980 (MENEZES FILHO; MORENO, 2016). No Brasil, somente em 1997, que as primeiras escolas, localizadas em Ubatuba-SP e no Rio de Janeiro-RJ, começaram a introduzir a modalidade nas aulas, tendo respaldo da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (BRASIL, 1996), criada um ano antes (MARTINEZ NETO; BECKER JUNIOR; GALIAZZI, 2005). A partir desse movimento, foi muito importante a participação das instituições de ensino superior na capacitação dos profissionais de Educação Física nessa “nova” modalidade, pois a mesma está ligada a ambientes muito diferentes dos esportes que eram comumente praticados, como chagas (2017, p. 53) relata:

Para que o surfe seja inserido no contexto da escola, existe uma necessidade de aprendizagem de conhecimentos específicos relacionados ao esporte, em que o mesmo tenha articulação com conhecimentos pedagógicos, para que assim, esse saber tenha inserção formativa na vida dos alunos, mais especificamente nas aulas de educação física.

Essa prática se torna viável em Florianópolis, pois o local essencial para prática, que é o mar, está em todas as direções que se vá, por se tratar de uma ilha, com uma grande variedade de praias. Entretanto, não são todas que são propícias para a prática do surfe, existindo locais que, por conta de fatores naturais como a localização, composição do fundo do mar, entrada do vento, entre outros, não produzem ondas (VIEIRA, 2012, p.19):

Florianópolis apresenta condições favoráveis para o surfe, com uma variedade de 18 “picos” de ondas entre as 42 praias. É um lugar muito procurado por surfistas brasileiros e de outros países.

Além disso, as praias que apresentam boas condições para formação de ondas possuem suas peculiaridades, podendo ter níveis de dificuldade diferentes para o aprendizado do surfe. A classificação das condições tem níveis diferentes, sendo: *Flat*

(mar liso, sem ondas surfáveis); moderado (boas condições para o ensino do surfe, águas não tão agitadas, presença de guarda-vidas; ondas intermediárias para praticantes de níveis mais avançados) e difícil (condições ruins para o ensino do surfe, mar agitado, praia de tombo, ondas mais fortes dependendo da condição). Tais condições podem ser inconstantes em algumas praias, devido aos elementos naturais mencionados acima.

A partir disso, podem ser exemplificadas algumas praias. A praia de Santo Antônio de Lisboa, localizada na baía norte, estaria classificada como *flat*, não possui ondas, já que está localizada de frente para o continente, protegida do mar aberto. Por sua vez, a Praia da Barra da Lagoa, localizada no Leste da ilha, é um dos locais mais propícios para o aprendizado do surfe e estaria classificada como moderada, pois apresenta as condições do mar ideais com regularidade, o que contribui para quem está aprendendo a surfar e quer manter certa constância no esporte. Além de possuir diversas “escolinhas de surfe”, a praia detém diversos pontos com posto de guarda-vidas, os quais ficam ativos em grande parte do ano, assegurando a segurança dos praticantes.

Já a Praia de Naufragados, que é a última praia do sul da ilha, estaria classificada como difícil. Além de se ter acesso a mesma somente por barco ou trilha, essa praia detém uma das ondas mais fortes da ilha, sendo destino de surfistas veteranos e experientes. Outro motivo para não ser uma praia recomendável para o ensino do surfe é a segurança, já que os guarda-vidas não têm bases fixas no local, impedindo um socorro rápido em casos de acidente.

Sabendo do enorme número de praticantes de surfe em Florianópolis, por conta das suas praias propícias para a prática da modalidade, o surfe pode ser um conteúdo muito importante para se trabalhar nas aulas de Educação Física, principalmente, em escolas localizadas nas proximidades de praias. Esse é caso da Escola de Ensino Básico Brigadeiro Eduardo Gomes, que fica localizada a poucos metros da praia do Campeche.

O surfe está muito ligado com a comunidade na qual a escola está inserida, por isso, a inserção da modalidade pode ser vista como muito importante naquele local. O surfe, além de tudo, é um esporte que promove grande integração com a natureza e com o conhecimento corporal, além de promover um desenvolvimento físico considerável de maneira geral (GLUSZCZUK, 2019). Santos (2017, p.12) afirma que:

Por sua vez, o surf no âmbito escolar seria uma forma de beneficiar o aluno com uma atividade voltada para o meio ambiente, uma atividade que leve o aluno a ultrapassar seus limites, que se confronte com situações que ele mesmo possa enfrentar durante sua trajetória de vida.

2.4 SAIDEIRA

A partir dessa revisão de literatura, foi possível constatar que o surfe nas aulas de Educação Física Escolar pode ser uma importante ferramenta para o desenvolvimento de diferentes aspectos. Antes de tudo, foi identificado que a modalidade tem respaldo nas principais diretrizes e documentos referentes às propostas de ensino vigentes no país, como a BNCC (2018) e a Proposta Curricular da Rede Municipal de Florianópolis (2016).

A prática do surfe mostrou ser impulsionadora de pontos como o contato com a natureza, já que o sujeito está integrado com o mar durante a prática, resgatando a relação com o meio ambiente. Dentro da temática da natureza, o praticante de surfe se preocupa mais com questões de cuidados com o meio ambiente, como com a limpeza das praias e manutenção do que é natural, já que são nesses espaços que ocorre a prática. Na perspectiva física, promove saúde, uma vez que pode melhorar o sistema cardiorrespiratório, além de trabalhar diversos grupos musculares de membros inferiores e superiores.

Nas relações com os fatores naturais relacionados ao mar, o surfe pode ser visto como um instrumento de identificação de potenciais lugares de risco, como correntes de retorno, canais e buracos, área de arrebenção das ondas e correntes marítimas, uma vez que, durante a prática, é necessário entender todos esses pontos como forma de segurança. Por fim, o surfe mostra ser um grande aliado pedagógico, pois possibilita tratar de diferentes questões, favorecendo uma interdisciplinaridade, o que facilita e agrega mais no conhecimento dos alunos. Além disso, conforme os trabalhos que apresentaram intervenções, como resultado, mostraram grande satisfação dos alunos durante o ensino da modalidade, o que fomenta ainda mais o emprego do esporte nas aulas de Educação Física.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Como forma de organização da pesquisa, são descritos aqui os procedimentos metodológicos: (1) Questão norteadora e (2) Desenho da proposta.

3.1 QUESTÃO NORTEADORA

Considerando o objetivo geral estabelecido previamente, a questão que guiou esta monografia foi: Como propor a inclusão do surfe nas aulas de Educação Física de turmas dos anos finais do ensino fundamental para escolas de Florianópolis como meio de reconhecimento dos fatores naturais relacionados ao mar?

3.2 DESENHO DA PROPOSTA

A proposta foi dividida em duas unidades, uma para o 8º ano e outra para o 9º ano, sem haver necessidade de um contato prévio, nos anos anteriores, com o assunto. Essa escolha foi motivada pela BNCC (BRASIL, 2017). Os trabalhos analisados anteriormente, incluídos na revisão de literatura (item 2.2.2 Para a areia), foram utilizados como ponto de partida para construção da sequência didática.

A proposta é baseada no tempo destinado para cada aula da grade curricular das escolas municipais de Florianópolis (45 minutos). Contudo, pode ser executada em mais ou menos tempo, variando a partir de diversos fatores que o professor possa observar durante a sua execução, como: disponibilidade dos recursos, tempo de organização junto à turma e nível de desenvolvimento do tema planejado durante o tempo disponível. Ainda, para uma melhor descrição do planejamento das aulas e para auxiliar professores, foram pesquisados e adicionados imagens, vídeos e filmes com a ideia de superar possíveis dificuldades e empecilhos para a inclusão do surfe na Educação Física Escolar.

4 APRESENTAÇÃO DA PROPOSTA

Esta parte do trabalho visa oferecer aos professores ideias e possibilidades de aulas teóricas e práticas sobre o surfe nas aulas de Educação Física, focadas no 8º e 9º ano do ensino fundamental de escolas localizadas próximas ao mar, na cidade de Florianópolis. Mesmo com o foco voltado a Florianópolis, é possível refletir e modificar, quando necessário, as sugestões apresentadas para o desenvolvimento do surfe em outras regiões, como escolas que não estão próximas ao mar. É importante ressaltar que a proposta a ser apresentada não deve ser interpretada como absoluta e/ou fechada, mas sim como um meio ou opção para desenvolver um conteúdo.

4.1 8º ANO

Para o 8º ano do ensino fundamental, o objetivo geral será apresentar a modalidade surfe nas aulas de Educação Física, além de especificar como o esporte pode propiciar o reconhecimento de fatores naturais relacionados ao mar. Nessa temática, serão trabalhados os aspectos históricos da modalidade, seu desenvolvimento, nomes de grandes atletas do surfe, reconhecimento dos materiais utilizados para prática e introdução dos fatores naturais relacionados ao mar que envolvem o esporte. Sugere-se um conjunto de cinco aulas, sendo uma teórica e quatro práticas.

4.1.1 Primeira aula do 8º ano

Introduzindo a prática, recomenda-se que sejam desenvolvidos os conteúdos históricos do surfe, partindo do local de surgimento da modalidade, detalhando a evolução em âmbito mundial, nacional e municipal. É recomendado que em âmbito municipal, o docente procure explorar o surfe no bairro no qual a escola está inserida, ambientando e contextualizando o esporte para realidade dos discentes. Além de apresentar o surfe como prática de lazer e recreação, sugere-se que o docente comente sobre a face competitiva da modalidade, incluindo as principais competições, expondo grandes nomes/ídolos em espectro mundial, nacional e municipal e suas conquistas.

Para apresentação dos conteúdos conceituais, é indicado que se utilize ferramentas e plataformas eletrônicas de exibição de vídeos e imagens. Por conta do tempo limitado disponível para as aulas, é possível indicar um conjunto de filmes e vídeos para os alunos assistirem fora da aula, com o intuito de motivar a aprendizagem sobre o esporte, assim como fomentar a prática. O Quadro 4 ilustra opções de documentários, filmes e vídeos.

Quadro 4 – Opções de documentários, filmes e vídeos.




	Título	Plataforma em que é disponível
Documentários	Documentário Tábua Santista - Uma história sobre o início do surfe no Brasil (2016)	https://www.youtube.com/watch?v=MFvhmSleCc0
	SURFTOPIA	https://www.youtube.com/watch?v=ZE5qcFZoCy0
	Florianópolis / Reconhecendo o Surf	https://www.youtube.com/watch?v=exVG2Qq0hFk&t=3s
Filmes	Coragem de viver (2011)	Netflix
	Tudo por um sonho (2012)	Amazon Prime
	Alegria de Verão (1966)	Apple Tv
	Caçadores de emoção (1991)	Amazon Prime
	Tá dando onda (2007)	HBO Max
Vídeos	A História do Surfe	Canal OFF https://www.youtube.com/watch?v=UYPOYfO1q5Y
	Brasil, O País do Surf - A pesquisa "Reconhecendo o Surf"	https://www.youtube.com/watch?v=XFxCZq8qPB8
	De grandes nomes à nova geração, Floripa sempre foi a capital do surfe no Brasil Maré das Marias	https://www.youtube.com/watch?v=DhdousdBDOQ






4.1.2 Segunda aula do 8º ano

Após o primeiro contato com a modalidade, sugere-se que aconteça uma apresentação dos materiais utilizados para a prática, tais como prancha de surfe, quilhas, *leash*, parafina, *deck*. É recomendado mostrar cada objeto, como manusear e descrever a sua função. Outros materiais que podem ser apresentados são capa de

prancha, raspador de parafina e chave de quilha. No Quadro 5, constam a imagem e a função e como manusear cada material citado.

Quadro 5 – Materiais para a prática do surfe.

Material	Imagem	Função	Cuidados
Prancha de surfe	 <p>Fonte: Arquivo pessoal.</p>	É o principal material. Proporciona fluabilidade, permitindo que praticante fique em pé.	Deve ser manuseada com cuidado, principalmente, em seu transporte até a praia, pois é feita com material frágil.
Capa de prancha	 <p>Fonte: Rip Curl 2023.</p>	Transporte de pranchas	A prancha deve ser inserida dentro da capa e ser carregada pelas alças da capa.
Quilhas	 <p>Fonte: RipCord 2023.</p>	Servem para dar velocidade na água, sendo responsáveis também por dar estabilidade ao surfista.	Devem estar bem apertadas no local destinado a elas na prancha (copinhos ou plugs), utilizando a chave de quilhas para isso.

Chave de quilhas	 <p>Fonte: South Sports 2023.</p>	Tem a função de colocar as quilhas na prancha.	Deve ser utilizada para apertar ou soltar o parafuso inserido no copinho da prancha.
Leash/estrepe/cordinha	 <p>Fonte: Board Life 2023.</p>	É um acessório de segurança. Serve para que o praticante se mantenha preso à prancha, evitando perde-la na água.	Deve estar bem preso a fieira (“cordinha” que fica presa na prancha), para não se soltar e, conseqüentemente, perder a prancha.
Deck	 <p>Fonte: Only Surf 2023.</p>	É um item opcional, mas muito usado. Tem a função de dar uma aderência e firmeza maior no contato com a prancha.	Colado na “rabeta” da prancha, ou seja, na porção mais próxima às quilhas, mas na parte superior da prancha. Há outros tipos de decks que podem ser utilizados em outros lugares na prancha.
Parafina	 <p>Fonte: Sell Surf 2023.</p>	Dá aderência entre o pé e a prancha, evitando escorregões e deslizes involuntários.	Deve ser utilizada na parte de cima da prancha, na área onde possivelmente o surfista irá colocar o seu pé.
Raspador de parafina	 <p>Fonte: Elite Surfing 2023.</p>	Remove o excesso de parafina da prancha ou permite fazer riscos na parafina, aumentando a aderência.	É preciso empregar força no deslize em contato com a parafina, removendo-a

O ideal é os alunos poderem ver e tocar nos materiais se for possível o professor leva-los para a escola. Caso contrário, é possível também apresentar em formato de imagens e vídeos. Outra possibilidade, por meio de mais de uma aula, é a construção desses objetos em tamanho real a partir de materiais como papel pardo, plástico PVC, folha em E.V.A e garrafas PET (ver exemplos no Quadro 6), o que seria uma ótima opção para turmas com muitos alunos, dando a oportunidade de todos “terem” os seus próprios objetos, além de abrir a possibilidade de interdisciplinaridade com a disciplina de Artes e Ciências, esta última poderia envolver conhecimentos associados ao meio ambiente como poluição, tempo de decomposição dos diferentes materiais usados. Por fim, o docente pode estabelecer uma parceria com entidades como escolinhas de surfe para ter acesso aos materiais ou envolver a comunidade, pedindo para aqueles alunos que praticam o surfe ou que tenham um familiar que pratique para emprestar o material, até mesmo esta pessoa poderia ser convidada para conversar e contribuir com os alunos na aula.

Quadro 6 – Exemplos para fazer pranchas a partir de materiais alternativos.

Título	Plataforma em que é disponível
Como Fazer Prancha de Surf de Papelão – Surfistas DIY Aprenda a fazer sua própria prancha em casa!	https://www.youtube.com/watch?v=DNmRM2szzJU
Como fazer pranchas utilizando garrafa PET	https://globoplay.globo.com/v/4320203/

4.1.3 Terceira aula do 8º ano

Para dar continuidade à sequência de aulas, a terceira aula serviria para apresentar os movimentos necessários para a prática do surfe (ver exemplos no Quadro 7). É indicado utilizar os materiais apresentados na aula anterior, com o intuito de demonstrar aos discentes, no meio terrestre, os movimentos feitos no mar.

O primeiro movimento a ser ensinado pode ser a remada sobre a prancha (ASSOCIAÇÃO CATARINENSE DAS ESCOLAS DE SURF, 2018). Para isso, é necessário indicar o local específico no qual o aluno deverá estar na prancha, e como alternar as braçadas. É indicado salientar que esse é o movimento principal para

surf, e a sua falha prejudica a prática dentro da água (ASSOCIAÇÃO CATARINENSE DAS ESCOLAS DE SURF, 2018). No segundo momento, é sugerido explicar o movimento de subida na prancha (ASSOCIAÇÃO CATARINENSE DAS ESCOLAS DE SURF, 2018). Por fim, indicar o posicionamento correto e ideal dos pés na prancha, o posicionamento das pernas e dos braços (ASSOCIAÇÃO CATARINENSE DAS ESCOLAS DE SURF, 2018). Portanto, neste momento, o professor focaria em gestos técnicos da modalidade.

Quadro 7 – Exemplos de como realizar a prática do surf

Título	Plataforma em que é disponível
Posição da Remada / Surf	https://www.youtube.com/watch?v=Osz0_DksWPM
Surf 101 / Ep. 1 / Tips de remada – Luis Eduardo Escudero	https://www.youtube.com/watch?v=NqfsxF2nQNM
Aula de Surf: Remada para posicionamento e entrada na onda	https://www.youtube.com/watch?v=vUi1K6wdD8g
AprimoreSurf – Remada e Subida na Prancha	https://www.youtube.com/watch?v=VKqgEbX0bpA
Levantar na prancha – o Drop / Surf	https://www.youtube.com/watch?v=GDqQdeQ-RNg
Como subir na prancha de surf	https://www.youtube.com/watch?v=S7iVpMSok5w
Qual a primeira manobra aprender no surf	https://www.youtube.com/watch?v=-LORsY_7_iQ

4.1.4 Quarta aula do 8º ano

Para o quarto momento, sugere-se reunir todos os conhecimentos apresentados anteriormente para realização de práticas integrativas que possuam movimentos similares ao do surfe. Para isso, é possível desenvolver um trabalho com o *balance board* (Figura 1), também conhecido como prancha de equilíbrio ou de propriocepção. Este é constituído por dois itens que interagem, sendo uma tábua de madeira em formato de prancha junto a um rolo. Para acontecer a prática, a prancha deverá estar sobre o rolo, o qual, por sua vez, fará com que a prancha fique em balanço (HUNOFF, 2018). Desse modo, pode ser utilizado para desenvolver equilíbrio e força, capacidades necessárias na prática do surfe (HUNOFF, 2018).

Caso a escola não possua o objeto em uma quantidade suficiente para atender a turma, pode ser proposta a confecção do material (ver Quadro 8), interagindo, por exemplo, com a disciplina de Artes. Para a confecção, poderão ser utilizadas garrafas PET cheias com ar, para servirem como base. Já a prancha pode ser feita colando quatro garrafas PET uma do lado da outra, e duas placas de madeirite, envolvendo as duas faces das garrafas, dando sustentação. Na face que for ficar em contato com o pé do usuário, é indicado colar borrachas para simular o *deck* de uma prancha de surfe. Ainda, equilíbrio é uma capacidade que pode ser explicada por outras disciplinas da área das exatas, ou seja, a interdisciplinaridade também poderia ser mais explorada nesse caso.

Figura 1 – *Balance board*.



Fonte: WoodFish Boards (2023).

Quadro 8 – Exemplos para fazer uma prancha de equilíbrio.

Título	Plataforma em que é disponível
Faz aí // <i>Indo board</i>	https://www.youtube.com/watch?v=lrL2JIZv-qE
Como fiz uma prancha de equilíbrio	https://www.youtube.com/watch?v=EwQGd4lYX9w
Como fazer um <i>balance board</i> do zero / passo a passo	https://www.youtube.com/watch?v=PfXwQVgqZh4

4.1.5 Quinta aula do 8º ano

A quinta aula seria a última do conteúdo destinado ao 8º ano. Nesse momento, é sugerido que o professor organize uma saída de campo para a praia mais próxima à escola. Se o professor não tenha propriedade na área do surfe e nos conhecimentos

gerais relativos ao mar, pode ser acompanhado por um guarda-vidas ou por um professor de surfe, para introduzir os primeiros termos relativos ao mar, assim como quem ministra Ciências e Geografia poderia contribuir. O foco seria apresentar, de forma sucinta, a área de arrebentação das ondas e onde os praticantes devem se localizar, a corrente marítima presente naquele momento, a visualização das correntes de retorno e as condições do vento. Caso não seja viável a saída de campo, é indicado que o docente utilize ferramentas como vídeos para indicar estes aspectos dentro da escola (ver exemplos no Quadro 9).

Quadro 9 – Exemplos localização no mar para o surfe e suas condições.

Título	Plataforma em que é disponível
Se posicionar para pegar ondas	https://www.youtube.com/watch?v=W1hooNhBeHc
Como se posicionar, remar e entrar nas ondas / passa a passo	https://www.youtube.com/watch?v=41wDX_UxF20&t=2s
Teaser: Tipos de Arrebentação	https://www.youtube.com/watch?v=nZDMWZzHV_M&t=2s
E se você caísse em uma corrente de retorno?	https://www.youtube.com/watch?v=JgUam25Ylhw
Correntes de Retorno – o que são, como identificar, evitar e sair delas e outras orientações	https://www.youtube.com/watch?v=40NrUErGWHk&t=11s
[35] Correntes de retorno (vala): o que é e como identificar?	https://www.youtube.com/watch?v=zTepcHqdoR8&t=2s
Previsão de Ondas – entendendo os dados de VENTOS para programar o seu Surf	https://www.youtube.com/watch?v=uvh_185UWtA
PREVISÃO DE ONDAS – Aprenda tudo sobre previsão de ondas para o surf	https://www.youtube.com/watch?v=Jzjg7KTyloY

4.2 9º ANO

Para o 9º ano do ensino fundamental, inicialmente, é recomendado recapitular o que foi visto no ano anterior, adicionando especificidades no trato dos fatores

naturais relacionados ao mar, além de propiciar diferentes práticas que englobem movimentos do surfe e, conseqüentemente, a prática em si. Para isso, são sugeridas oito aulas, sendo cinco teóricas e três práticas.

4.2.1 Primeira aula do 9° ano

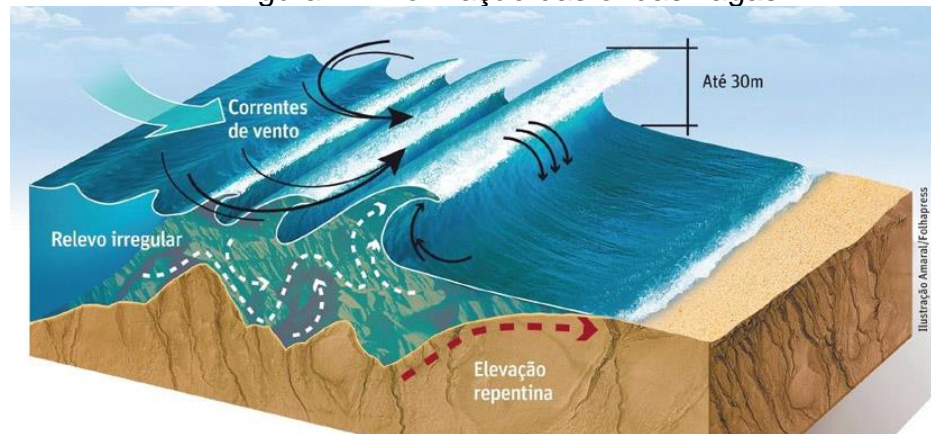
Para a primeira aula, recomenda-se que o docente faça uma recapitulação dos conteúdos desenvolvidos no ano anterior, tratando o tema de maneira mais sucinta e resumida, procurando avaliar o conhecimento já desenvolvido referente ao surfe. Caso grande parte da turma não tenha participado das aulas no ano anterior, é recomendável que o professor apresente a modalidade.

2.1.2 Segunda aula do 9° ano

Na segunda aula, é sugerido que o docente inicie a abordagem referente aos conhecimentos do mar. Com foco no surfe, o professor explicará como surgem as ondas (Figura 2). O professor também pode ilustrar a formação das ondas por meio de vídeos (ver exemplos no Quadro 10).

A formação das ondas marítimas é um fenômeno que depende da ação do vento (NÓBREGA, 2009). O vento, criado através das diferentes pressões resultante de um aquecimento do ar feito pelo sol, entra em contato com a água, transferindo a sua energia, onde essa massa de água é empurrada, criando ondulações (NÓBREGA, 2009). As ondas são formadas em alto mar, em todas as direções, mas sempre chegam à costa com a sua direção de propagação voltadas à praia, quebrando na areia, sendo conhecidas como vagas (NÓBREGA, 2009). Para as ondas se propagarem com direção à costa, é preciso que aconteça uma alteração na velocidade por conta do meio de propagação (NÓBREGA, 2009). Quanto mais distante da costa, maior é a profundidade do mar, e, com a aproximação da costa, a profundidade diminui aos poucos (NÓBREGA, 2009). Essa diminuição de profundidade pode ser entendida como uma mudança do meio de propagação, alterando a velocidade das ondas, sendo um fenômeno chamado refração (NÓBREGA, 2009). E também existem os marulho ou *swell*, que são ondas formadas fora do seu lugar de aparecimento, causadas por tempestades (SILVA, 2011).

Figura 2 – Formação das ondas vagas.



Fonte: Amaral/Folhapress.

Quadro 10 – Exemplos de vídeos de como as ondas se formam.

Título	Plataforma em que é disponível
Ciência Explica – “Como as ondas se formam?”	https://www.youtube.com/watch?v=B_6hEOL-oXw
A mecânica das ondas / Surf	https://www.youtube.com/watch?v=ISO2VO42tll
O que é Swell e como se formam as ondas no Oceano?	https://www.youtube.com/watch?v=r2b9m80GMIU

4.1.2 Terceira aula do 9º ano

A terceira aula representa a continuação da segunda, ou seja, uma aula teórica que tem como propósito, explicar como funcionam os tipos de ondas “cheia” e “tubular” e como realizar a “leitura” das ondas (ver exemplos no Quadro 11). Para explicar a leitura do mar, é indicado usar imagens e vídeos para dar clareza ao assunto. Além disso, é possível propor uma integração com a disciplina de Geografia para dar mais profundidade ao assunto.

Quadro 11 – Exemplos de como realizar a “leitura” das ondas.

Título	Plataforma em que é disponível
Leitura de onda para saber como escolher uma onda / Simples e Prático	https://www.youtube.com/watch?v=PJ9Qpz6hKCw
Se posicionar para pegar ondas / Surf	https://www.youtube.com/watch?v=W1hoonhBeHc&t=22s

A leitura do mar é saber identificar as melhores ondas para surfar (JORDÃO, 2020). Para tal, o surfista deve analisar uma sequência de fatores que indicarão onde e como as ondas irão “quebrar” (JORDÃO, 2020). O professor deve explicar que os alunos devem olhar para as ondas, comparando-as com a linha do horizonte para perceber o ponto (pico) mais alto da mesma (JORDÃO, 2020). O “pico” é o local onde a onda irá quebrar primeiro (JORDÃO, 2020). O lado que o “pico” estiver maior indica onde irá quebrar a onda, revelando a direção que o surfista deve seguir (JORDÃO, 2020). Para melhor entendimento, a chamada “onda para direita” (Figura 3) refere-se a uma onda, na qual a face em que o praticante irá percorrer com a prancha está localizada à direita do surfista, e não de quem a vê da areia. Já a chamada “onda para esquerda” (Figura 4) refere-se à onda que mostra a face à esquerda do surfista.

Figura 3 – Onda para a direita.



Fonte: Carol Meireles (2020).

Figura 4 – Onda para a esquerda.



Fonte: Carol Meireles (2020).

Também existem ondas que apresentam um “pico” que proporciona ao surfista a escolha de seguir para ambos os lados (direita e esquerda), pois o seu ponto/ângulo mais alto é idêntico para os dois lados (Figura 5).

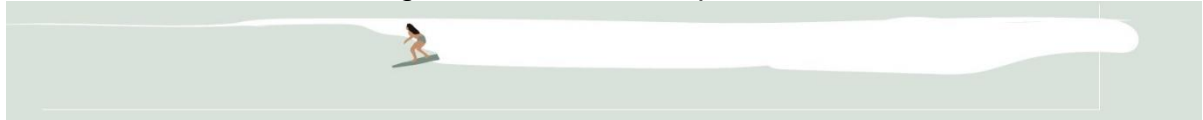
Figura 5 – Onda para ambos os lados.



Fonte: Carol Meireles (2020).

As ondas cheias (Figura 6), chamadas popularmente de “gordas”, são ondas que apresentam uma característica mais suave, ou seja, o seu “pico” mais alto não se choca diretamente com o ponto mais baixo da onda por inteiro, quebrando gradativamente. Este tipo de onda é o melhor para a iniciação no surfe, já que ela dá mais tempo ao surfista para subir na prancha, escolher a direção e tomar as decisões.

Figura 6 – Onda cheia para a direita.



Fonte: Carol Meireles (2020).

Já as ondas “tubulares” ou “cavadas” são ondas que o seu “pico” mais alto quebra repentinamente até a base de forma rápida, formando os tubos, ou seja, um buraco/espaco envolto pela onda (Figura 7).

Figura 7 – Onda tubular para a esquerda.



Fonte: Carol Meireles (2020).

Dentre todos pontos apresentados, o professor deve indicar que, para os alunos que forem surfar, estes devem se posicionar nos pontos de mais força/energia, localizados nos pontos/“picos” mais altos da onda, pois são nesses locais que o praticante terá uma maior facilidade de ser levado pela onda (LANGAI, 2020).

4.1.4 Quarta aula do 9° ano

Para continuar o assunto, é recomendável que o docente apresente a influência da direção e da força do vento no surfe e a influência dos tipos de fundo. Essa aula também abre a possibilidade de interdisciplinaridade com a disciplina de Geografia.

Nesta aula, professor poderá utilizar da interpretação de gráficos das previsões de ondas, que apresentam também dados referentes à velocidade, direção e período dos ventos. Ou poderá realizar, de maneira prática, a identificação do vento presente no dia da aula, comparando com a localização a qual a escola está inserida, decifrando se é ou não um vento favorável para a prática de surfe naquela região.

É indicado explicar aos alunos que, dependendo de onde está localizada a praia, os diferentes ventos poderão ser “maral” ou “terral” (LIMA, 2008). O vento “maral” ou *onshore* é aquele que vem do mar em direção ao continente, deixando o mar mais irregular e proporcionando, principalmente, ondas que quebram mais rápido, apresentando características tubulares (CAMPOS, 2016). Já o vento “terral” ou *offshore*, vem do continente e vai para o mar, chocando-se de frente com as ondas, fazendo com que se tornem mais lentas, levantando os “picos” e alisando o mar (CAMPOS, 2016).

O professor deve explicar que o fundo é o aliado principal do vento para formação das ondas e os seus tipos. Existem três tipos de fundos (LIMA, 2008): fundos de areia, pedra e coral, os quais podem ser exemplificados com vídeos (ver Quadro 12).

Quadro 12 – Tipos de Fundos “bancadas”.

Título	Plataforma em que é disponível
Tipos de fundos para surfar	https://www.youtube.com/watch?v=uApZieQ8lqY
Como se Formam Ondas no Mar: Surf também é Ciência!	https://www.youtube.com/watch?v=P3ZvX6Dm8Kg

O fundo ou “bancada” de areia, que está presente em praticamente todo o litoral brasileiro, é o mais instável (LIMA, 2008). Ele pode ser modificado conforme a mudança das marés e ressacas, alterando a sua distribuição. Essas alterações tornam as ondas mais irregulares (LIMA, 2008). Para boas ondas, é necessário que a “bancada” fique posicionada conforme a direção das correntes marítimas (LIMA, 2008).

Os fundos de pedras, que se mantém sempre iguais, proporcionam ondas mais alinhadas e, geralmente, mais longas e cavadas (CAMPOS, 2016). No Brasil, existem algumas praias com esse fundo, como a praia de Matinhos no Paraná (LIMA, 2008). Já os fundos de corais são os mais perigosos, porém produzem as melhores ondas (CAMPOS, 2016). As ondas se moldam a este tipo de fundo por serem estáveis

e localizados em lugares propícios (CAMPOS, 2016). Entretanto, torna-se perigoso surfar em locais com este tipo de fundo já que são afiados e qualquer queda da prancha pode levar a cortes (LIMA, 2016).

4.1.5 Quinta aula do 9º ano

Nesta aula, será realizada uma atividade prática. É recomendável que o professor divida os alunos da turma em diferentes grupos com a mesma quantidade de participantes, podendo ou não fazer uma competição. Os discentes, posicionados em colunas, terão de deslizar sobre um colchonete posicionado na frente de cada fila. Para isso, os alunos irão utilizar o movimento de “mergulhar” com o peito sobre o colchonete para empurrá-lo para frente. O aluno executará o movimento e retornará para o final da coluna, sendo sucedido pelo próximo. O objetivo será alcançar um ponto distante da coluna destinado pelo professor. Essa atividade serve para ambientalizar os alunos com o deslize que ocorre quando o surfista está deitado, remando, para entrar na onda. O professor deve explicar que quando o surfista sente este deslize, ou que está sendo empurrado pela onda, é o momento em que ele pode realizar o *drop*, ficando de pé na prancha.

4.1.6 Sexta aula do 9º ano

A sexta aula será destinada à prática com o Surf skate (Figura 8). Este é uma variação de skate que permite replicar movimentos do surfe no chão. Este material, constituído por um *shape* (que é uma tábua de madeira que pode ter um formato de prancha), dois eixos (que ficarão dispostos na traseira e na dianteira do *shape*, onde o dianteiro será o diferencial, pois tem uma mobilidade parecida com o que se tem no surfe), e quatro rodas, as quais são encaixadas nos eixos, sendo de tamanho médio e moles (FONTRODONA; GIL, 2019).

O professor poderá montar trajetos com cones e cordas que simulem o percurso que um surfista faz quando está na onda. Caso a escola não possua os Surf skates, é aconselhável que o professor procure parcerias com escolas de skate ou com escolinhas de surfe que possuam tal material. Para melhor visualização de como funciona o Surf skate, seguem vídeos no Quadro 13 como exemplos.

Figura 8 – Surfskate.



Fonte: US Boards (2023).

Quadro 13 – Surfskate.

Título	Plataforma em que é disponível
Skate simulador de Surf – Treino Combo	https://www.youtube.com/watch?v=wKO5oBGoVlo
Surfskate: realmente ajudam na evolução do surf? Guia básico	https://www.youtube.com/watch?v=GnKCr-c-dqc

4.1.7 Sétima aula do 9º ano

A sétima aula será voltada para a identificação das áreas de risco no mar, como as correntes de retornos e os chamados “buracos”, além de identificar possíveis perigos e destacar atitudes preventivas. Se possível, é sugerido que o professor faça contato com algum guarda-vidas ou bombeiro militar para explorar esse tema e promover prevenção. Caso não tenha o apoio dos profissionais citados, é indicado usar imagens e vídeos (ver exemplos no Quadro 14).

Quadro 14 – Prevenções e segurança no surfe.

Título	Plataforma em que é disponível
Afogamento, prevenção ativa x prevenção reativa + os perigos de um banho de mar, corrente de retorno	https://www.youtube.com/watch?v=adh4egAiKTM
Regras, comportamentos e segurança / SURF	https://www.youtube.com/watch?v=JPuODmm6nqg
Segurança no Surf (Dicas de Sobrevivência)	https://www.youtube.com/watch?v=pCyslnQv4KM

Para isso, o docente identificará junto aos alunos, as correntes de retorno como locais que não quebram ondas (ou quebram com menor frequência) e que possuem, em certos casos, coloração diferente devido à profundidade e agitação da areia causada pelo retorno da água. O professor pode explicar que a corrente de retorno é um local, no qual se concentra uma quantidade de água que vai em direção contrária a das ondas, levando o indivíduo cada vez mais para o fundo do mar (SERRAO, 2019). Como maneira de superar essa situação, o docente deve recomendar aos alunos que nadem de maneira perpendicular, ou seja, lateral à corrente de retorno e não contra ela em direção à praia (SILVA, 2021).

Partindo para outros possíveis perigos e prevenções, é indicado que o professor sinalize métodos e modos de superar estes riscos dentro do mar. É válido recomendar a prática da modalidade próxima a áreas resguardadas por guarda-vidas, pois em casos de afogamentos ou lesões derivadas por colisões ou animais marinhos, a pessoa consegue receber o devido socorro. Estes lugares também apresentam avisos sinalizados com bandeiras para locais propícios ou perigosos em cada região do mar, prevenindo estes possíveis incidentes. O professor também deve recomendar aos alunos que nunca pratiquem a modalidade sozinhos, uma vez que, em caso de perigo ou acidente, alguém pode pedir por socorro.

Também é importante alertar sobre quedas, conhecidas popularmente como “caldos” ou “vacas”. Nestes casos, o praticante precisa proteger, principalmente, seu pescoço com seus braços, encolhendo-se, evitando um impacto nas regiões mais sensíveis do corpo. O praticante precisa permanecer tranquilo e não se desesperar até voltar à superfície.

4.1.8 Oitava aula do 9º ano

Fechando a unidade, na última aula para o 9º ano, é indicado vivenciar a prática do surfe. Para que este momento ocorra, é recomendável que o professor busque uma escola de surfe para uma parceria no ensino. A aula deverá ser realizada necessariamente com a presença de adultos que possuem propriedade no ensino do surfe. A escolha da parceria com a escola de surfe se faz necessária pela quantidade de alunos presentes, necessitando de um grande número de materiais necessários para a prática. Caso a escola detenha um número suficiente de materiais, o professor poderá realizar a aula, porém terá que ter aporte de outros adultos que possuem

conhecimento na prática do surfe ou dividir a turma em grupos menores. Escolas mais distantes de praias podem recomendar à prefeitura, a utilização de transportes para locomoção dos alunos.

4.2 REFLEXÕES – ESPERANDO POR UMA ONDA

Visto que a escola é um local que oferece diferentes conhecimentos e apresenta uma ampla gama de práticas que, por muitas vezes, farão parte do desenvolvimento tanto físico como social do estudante (DARIDO, 2012), a utilização do surfe, em especial, nas aulas de Educação Física, é válida e importante, principalmente, em escolas próximas a praias, mas também em um âmbito geral, já que a modalidade é expoente no Brasil. Isso também permite romper uma manutenção do ensino dos mesmos esportes, que de geração em geração, perpetuam, inabalavelmente, com a mesma dinâmica (DARIDO, 2012). Ainda, as tentativas de interdisciplinaridade são escassas, ou seja, não há uma relação ou conversa entre as diferentes matérias, limitando e fechando os conteúdos em cada “caixa” disciplinar, o que pode ser visto como uma restrição de potencial de aprendizagem (CHAGAS, 2017).

A proposta apresentada visa desenvolver um conteúdo que abrange todas essas nuances. O surfe pode servir como ferramenta de construção de diferentes conhecimentos, tanto em âmbito social, que o esporte propõe, como no relacionamento com a natureza e o conhecimento de suas peculiaridades, na interdisciplinaridade, já que essa modalidade pode se relacionar com disciplinas diferentes (GLUSZCZUK, 2019). Além de agregar, representa uma nova opção de prática nas aulas de Educação Física.

É claro que o surfe pode encontrar desafios para ser incluído nas aulas de Educação Física, visto que essa modalidade necessita de materiais, é desenvolvida no mar, dificultando a sua prática em lugares afastados de praias adequadas, além de apresentar riscos, como todo esporte, mas nesse caso no meio aquático, que pode não ser familiar para muitos alunos. A própria família da criança poderia não permitir a vivência no mar. Também, a falta de conhecimento, relacionado ao surfe por parte dos professores, pode se tornar um empecilho. Assim, sugere-se que o esporte poderia ser mais desenvolvido durante a formação inicial dos professores (na graduação) ou estar incluso em programas de formação continuada, como em cursos

de especialização, dando uma base teórica e prática maior, e preparando os professores de Educação Física para ensino não só do surfe, mas de esportes de aventura em geral.

Reconhecendo esses desafios e empecilhos, o presente trabalho compreende a apresentação de uma proposta que oferece uma organização e um norte para professores que desejam incluir o surfe nas suas aulas de Educação Física. Tal proposta buscou contemplar, não somente os conhecedores do esporte e que já possuem uma vivência com o mesmo, mas também docentes que nunca tiveram contato com a modalidade. Apesar de haver trabalhos com ideais similares (ARAÚJO *et al.*, 2018; CHAGAS, 2019, MATTOS; MELO JUNIOR, 2013), esta monografia apresenta uma sequência de temas e conteúdos dentro da organização escolar conforme a BNCC (BRASIL, 2018) com aulas teóricas e práticas, enfatizando os fatores naturais relacionados ao mar. Para auxiliar mais os professores, mas respeitando a liberdade pedagógica, apresenta sugestões de imagens, vídeos e filmes, além de atividades. Como sugestão de uma continuidade do presente trabalho, seria interessante aplicar a proposta para verificar a sua contribuição na Educação Física escolar, avaliando as suas potencialidades e fragilidades para melhorá-la.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A inclusão do surfe nas aulas de Educação Física, como uma prática corporal de aventura, é resguardada pela BNCC (BRASIL, 2018) e pela Proposta Curricular da Rede de Ensino de Florianópolis (FLORIANÓPOLIS, 2016). Conforme a BNCC (BRASIL, 2017), a proposta foi dividida em duas unidades, uma para o 8º ano e outra para o 9º ano, sem haver necessidade de um contato prévio, nos anos anteriores, com o assunto. Ainda, representa um meio ou opção para desenvolver o conteúdo, logo, não deve ser vista como algo fechado ou engessado. Por outro lado, são reconhecidas as limitações da proposta, tais como falta de materiais, deslocamento para uma praia.

Para o oitavo ano, foram planejadas cinco aulas. A primeira envolveria a história e a contextualização do surfe. A segunda seria para a apresentação e manuseio dos principais materiais para a prática. A terceira seria uma prática dos movimentos básicos fora da água. A quarta envolveria uma vivência com uma prancha de equilíbrio (*balance board*). A última aula seria uma introdução a alguns termos relativos ao mar (área de arrebentação, corrente marítima, correntes de retorno, condições do vento), preferencialmente, em uma praia.

Para o nono ano, são sugeridas oito aulas. A primeira seria uma revisão do conteúdo ministrado no ano anterior. A segunda e terceira aulas, respectivamente, tratariam sobre a formação das ondas e sobre o tipo de ondas, identificando os melhores pontos para se localizar em uma onda. A quarta aula exploraria a influência da direção e da força do vento no surfe e a influência dos tipos de fundo. A quinta aula seria uma vivência associada ao deslize no meio terrestre. A sexta aula envolveria uma prática com o Surf skate. A sétima aula seria voltada para identificação das áreas de risco no mar, além de identificação de possíveis perigos e atitudes preventivas. A última aula seria a prática do surfe, preferencialmente, em uma praia.

Assim como nos demais esportes, a inclusão do surfe, nas aulas de Educação Física, não tem o intuito de formar profissionais, mas sim de proporcionar a experimentação de uma nova modalidade, a qual está relacionada a diferentes contextos. Em outras palavras, também serve como instrumento para conscientização ambiental, socialização, interação com a natureza, promoção de saúde, além de promover a identificação de diversos fatores naturais relacionados ao mar, o que foi foco do presente trabalho. Dessa maneira, o presente trabalho buscou valorizar e

assegurar o surfe como prática pedagógica válida, principalmente, no contexto de escolas próximas ao mar, como na cidade de Florianópolis.

REFERÊNCIAS

- ABRANCHES, Carolina. Surfe desenvolve a coordenação motora. **Portal A Tarde**. Salvador, p. 1-1. Julho, 2013. Disponível em: <https://atarde.com.br/saude/surfe-desenvolve-a-coordenacao-motora-529570>. Acesso em: 15 nov. 2022.
- DE AMARAL, A. V.; DIAS, C. A. G. Da praia para o mar: motivos à adesão e à prática do surfe. **LICERE - Revista do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer**, [S. l.], v. 11, n. 3, 2008. DOI: 10.35699/1981-3171.2008.891. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/licere/article/view/891>. Acesso em: 03 mar. 2023.
- ARAÚJO, Larissa Mamede; SILVA, Victor Alexandre Ferreira e; OLIVEIRA, Natália Cristina de. Relato de experiência: a pedagogia do surf na educação básica. **Revista Educação A Distância e Práticas Educativas Comunicacionais e Interculturais**, São Cristóvão, v. 18, n. 2, p. 158-163, 14 ago. 2018. Disponível em: <https://seer.ufs.br/index.php/edapeci/article/view/8546>. Acesso em: 25 ago. 2022.
- BASTOS, Keila Aparecida Pereira; PEREIRA, Kleiton Carlos. **Surfe da prática corporal ao esporte**. 2017. 30 f. TCC (Graduação) - Curso de Educação Física, Centro de Educação Física e Desportos, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2017. Disponível em: https://cefd.ufes.br/sites/cefd.ufes.br/files/field/anexo/keila_bastos_e_kleyton_pereira_-_o_surfe_quanto_esporte.pdf. Acesso em: 22 out. 2022.
- BERNARDO, Carlos Alberto. **Origem e Evolução do Surf em Florianópolis**. 1997. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Educação Física) - Universidade Federal de Santa Catarina.
- BETRÁN, Javier. **Rumo a um novo conceito de ócio ativo e turismo na Espanha: atividades físicas de aventura na natureza**. In: MARINHO, Alcyane; BRUHNS, Heloísa. *Turismo, lazer e natureza*. Barueri, SP: Manole, 2003, p. 29-52.
- BITENCOURT, Valéria, AMORIM; Simone; VIGNE, Joana Angélica; NAVARRO, Patrícia. Vela. **Atlas do esporte no Brasil**. Lamartine DaCosta (Org.). Rio de Janeiro, RJ: CONFEF, 2006.
- BRASIL. Base Nacional Comum Curricular: **Ensino Médio**. Brasília: MEC/Secretaria de Educação Básica, 2018.
- BRASIL. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial da União, Brasília, 23 de dezembro de 1996.
- BRIMNER, Larry Dane. **Surfing (First Books - Sports and Recreation)**. New York: Franklin Watts, 1997.

BUENO, T. Evolução e retrocesso as raízes. **Alma surf**, São Paulo, v.7, n. 39, p. 142, jul/ago. 2007.

CAMPOS, André. **O Valor do Surfe das Ondas na Economia Portuguesa**. 2016. 93 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Gestão, Universidade Atlântica, Barcarena, 2016. Disponível em: <https://docplayer.com.br/48091546-O-valor-do-surf-e-das-ondas-na-economia-portuguesa.html>. Acesso em: 12 set. 2022.

CHAGAS, Luiz Gustavo das. **O surfe como tema da educação física escolar em escolas públicas de Florianópolis/SC**. 2017. 82 f. TCC (Graduação) - Curso de Educação Física, Centro de Desportos, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2017. Disponível em: https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/177633/tcc_final.pdf?sequence=1&isAllowed=y. Acesso em: 10 set. 2022.

CONWAY, John. **Guia Prático do Surf**. 107. ed. Lisboa: Presença, 1993. 172 p. (Habitat). Tradução de: E. Nogueira.

DARIDO, Suraya Cristina. **Educação Física Na Escola: Realidade, aspectos legais e possibilidades**. DARIDO, Suraya Cristina (Org.). Caderno de formação: Formação de professores didática de conteúdo. Universidade Estadual Paulista. Pró-Reitoria de Graduação; Universidade Virtual do Estado de São Paulo. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2012.

DIAS, C. A. G. O surfe e a moderna tradição brasileira. **Movimento**, Porto Alegre, v. 15, n. 4, p. 257–286, 2010. DOI: 10.22456/1982-8918.5537. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/5537>. Acesso em: 18 jun. 2023.

FLORIANÓPOLIS. Secretaria Municipal de Educação. **Proposta Curricular da Rede Municipal de Ensino de Florianópolis**. Florianópolis: Prefeitura de Florianópolis, 2016. 278 p. Disponível em: https://www.pmf.sc.gov.br/arquivos/arquivos/pdf/23_06_2017_11.13.21.b097b0d2d26af5819c89e809f8f527a2.pdf. Acesso em: 07 jul. 2023.

FRANCO, L. C. P. **A adaptação das atividades de aventura na estrutura da escola**. *Anais...* 5º CBAA – Congresso Brasileiro de Atividades de Aventura. São Paulo: Editora Lexia, 2010.

GALIAZZI, Maria do Carmo; JUNIOR, Benno Becker; NETO, Ramiro Martinez. Escolas de iniciação ao surfe no Brasil: um panorama inicial. In: **IV Encontro Ibero-Americano de coletivos escolares e redes de professores que fazem investigação na sua escola**. 2005.

GLUSZCZUK, Rafaela. **O Surfe na Educação Física Escolar: Relações entre a legislação e a prática pedagógica**. 2019. 48 f. TCC (Graduação) - Curso de Educação Física, Centro de Desportos, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2019. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/199708/Rafaela%20Gluszczyk%20Trabalho%20de%20Conclus%C3%A3o%20de%20Curso%20->

[%20TCC.pdf?sequence=1#:~:text=O%20surfe%20no%20que%20diz,ser%20agrad%C3%A1vel%2C%20prazeroso%20e%20relaxante.](#)

GULIN, Nicole; ANDRÉ, Hendryo. A Representação do Surf Brasileiro na Mídia Antes e Depois da Conquista do Campeonato Mundial 2014 pelo Surfista Gabriel Medina. In: XXXVIII CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 4., 2015, Rio de Janeiro. **Congresso**. Rio de Janeiro: Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2015. p. 1-15. Disponível em: <https://www.portalintercom.org.br/anais/nacional2015/resumos/R10-3118-1.pdf>. Acesso em: 07 jul. 2023.

GUTEMBERG, A. **A história do surf no Brasil**. Grupo Fluir, Editora Azul, São Paulo, 1989.

HUNOFF, Matheus. **Prancha de equilíbrio**: Para que serve e quais seus benefícios? 2018. Disponível em: <https://treinamentosurfevolutivo.com.br/prancha-de-equilibrio-para-que-serve-e-quais-seus-beneficios/>. Acesso em: 19 maio 2023.

IACZNSKI, Luiz Antônio; DE PAULA FIGUEIREDO, Juliana; PREICHARDT DUEK, Viviane. Esportes de aventura e educação física: Aproximações com a educação infantil. **Atos de Pesquisa em Educação**, [S.l.], v. 16, p. e8429, maio 2021. ISSN 1809-0354. Disponível em: <https://bu.furb.br/ojs/index.php/atosdepesquisa/article/view/8429>.

JORDÃO, Lidiane. **Como se posicionar no mar para surfar as melhores ondas**. 2020. Elaborada por Langai. Disponível em: <https://www.langai.com.br/post/como-se-posicionar-no-mar-para-surfar-as-melhores-ondas>. Acesso em: 8 de abril de 2023.

LIMA, Gabriela Barbosa. **A atividade do surf e seus efeitos no ordenamento jurídico brasileiro**. 2008. 72 f. TCC (Graduação) - Curso de Direito, Departamento de Atividades Complementares e Monografia Jurídica, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2008. Disponível em: https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/29482/1/2008_tcc_gblima.pdf. Acesso em: 12 out. 2022.

LORCH, Carlos K.. **Surfe**: Deslizando Sobre As Ondas. Rio de Janeiro: Guanabara, 1980. 112 p.

MARTINS, Giorgia Enae. **Surf e educação**: O conceito de mídia-educação em uma proposta pedagógica com o surf. IX Semana da Educação Física e Mostra Acadêmica Centro de Desportos – Educação Física/UFSC 2008. Disponível em: <https://ibrasurf.com.br/artigos/surfe-e-educacao-o-conceito-de-midia-educacao-em-uma-proposta-pedagogica-com-o-surf/>. Acesso em: em nov de 2022.

MATTOS, Ana Paula de; MELO JÚNIOR, Sérgio de. **Esportes com prancha nas aulas de educação física**: Desafios e possibilidades: ii simpósio formação de professores e práticas pedagógicas. 2013. 1 f. TCC (Graduação) - Curso de Educação Física, Centro de Desportos, Universidade Federal de Santa Catarina,

Florianópolis, 2013. Disponível em: <https://sfpp.paginas.ufsc.br/files/2014/10/Ana-Paula-de-Mattos-et-al.-Esportes-com-pranchas.pdf> Acesso em: 09 out. 2022.

MENEZES FILHO, Feliciano S.; MORENO, Rodrigo M. **Surfe na escola: Características de ensino da modalidade.** Disponível em: <https://docplayer.com.br/7677671-Surfe-na-escola-caracteristicas-de-ensino-da-modalidad-e.html>. Acesso em: 09 out. 2022

MENDEZ-VILLANUEVA, Alberto; BISHOP, David. Physiological Aspects of Surfboard Riding Performance. **Sports Medicine**, [S.L.], v. 35, n. 1, p. 55-70, 2005.

MOREIRA, Miguel. **Surf: Da ciência à prática.** Lisboa: Faculdade de Motricidade Humana, 2009. 172 p. Disponível em: <https://docplayer.com.br/6983425-Titulo-surf-da-ciencia-a-pratica-autor-miguel-moreira-revisao-literaria-ana-gomes-faria-ilustracoes-tiago-cacho-edicao-faculdade-de.html>. Acesso em: 19 out. 2022.

NÓBREGA, Antônio Fábio Dantas da. **Estudo sobre a geração de energia elétrica através das ondas do mar.** 2009. 38f. Curso de Bacharelado em Engenharia Elétrica, Centro de Engenharia Elétrica e Informática, Universidade Federal de Campina Grande – Paraíba Brasil, 2009. Disponível em: <http://dspace.sti.ufcg.edu.br:8080/jspui/handle/riufcg/17383>

PELLEGRINI, Renato Miranda. **Mobilização e preservação.** 2012. Disponível em: <https://www.waves.com.br/arquivo/mobilizacao-e-preservacao/>

PEREIRA, Dimitri Wu; ARMBRUST, Igor. **Edagogia da Aventura: os Esportes Radicais, de Aventura e de Ação na Escola** Capa comum. São Paulo: Fontoura Editora, 2017. 160 p.

REZENDE, Maitê. **A História do Surfe e o perfil dos surfistas do litoral Norte Paulista.** 2004. 66 f. TCC (Graduação) - Curso de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2004. Disponível em: <https://repositorio.unicamp.br/Busca/Download?codigoArquivo=514532>. Acesso em: 17 out. 2022.

SERRAO, Pedro Fernandes. **Formação e manutenção de correntes de retorno: Influência da morfologia e das ondas incidentes.** 2019. Dissertação (Mestrado em Oceanografia Geológica) - Instituto Oceanográfico, University of São Paulo, São Paulo, 2019. doi:10.11606/D.21.2019.tde-17052019-105634. Acesso em: 2023-05-19.

SILVA, Alex Costa da et al. **Características das Ondas "Sea" e "Swell" Observadas no Litoral do Ceará-Brasil: Variabilidade Anual e Inter-anual.** Tropical Oceanography, Recife, v. 39, p.123-132, 22 nov. 2011. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/TROPICALOCEANOGRAPHY/article/view/5182>. Acesso em: 20 de maio de 2023

SILVA, Jhenify Raquel Sousa. **Prevenção de afogamentos nas praias de São Luís: O uso do Instagram.** 2021. 61 f. Monografia (Doutorado) - Curso de Curso de Formação de Oficiais Bm, Centro de Ciências Tecnológicas, Universidade Estadual

do Maranhão, São Luís, 2021. Disponível em:
<https://repositorio.uema.br/jspui/handle/123456789/1484>. Acesso em: 16 mar. 2023.

SOUZA, Mauro José de; CAVALCANTE, Joás Dias de Araújo; SCHWINGEL, Jorge Carlos. **Esportes de aventura na educação física escolar: Realidade, necessidades e possibilidades.** Revista Panorâmica online, v. 27, n. 2, 2019
Disponível em
<http://oca.ufmt.br/revista/index.php/revistapanoramica/article/download/857/19192084>. Acesso em: 22 out. 2022.

SOUZA, Rico de. **Boas Ondas Surfando Com Rico Souza.** Rio de Janeiro: Ediouro, 2004. 545 p.

SOUZA, Pedro Caetano. **Surf: Do desenvolvimento histórico ao profissionalismo.** Ji-Paraná: Rev. Acta Brasileira do Movimento Humano, v. 3, n. 3, julho, 2013.
Disponível em: https://historiapt.info/pars_docs/refs/11/10143/10143.pdf. Acesso em: 12 set. 2022.

STEINMANN, Joel. **Surf & Saude.** Florianópolis: Tao, 2003. 528 p.

STOTZ, Humberto Pisani Navarro. **A indústria de equipamentos para a prática do surf e da moda surfwear em Santa Catarina.** 101 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Geografia, Florianópolis, 2010. Disponível em:
<https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/94579?show=full>. Acesso em: 27 nov. 2022.

VIEIRA, Roberta de Oliveira. **Aragua surfe social: Contribuições do projeto que integra esporte e educação.** 2012. 70 f. TCC (Graduação) - Curso de Educação Física, Centro de Desportos, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2012. Disponível em:
<https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/103753/TCC%20-%20ROBERTA%20DE%20OLIVEIRA%20VIEIRA.pdf?sequence=1&isAllowed=y>.
Acesso em: 17 set. 2022.